

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

*A FORMAÇÃO DE PALAVRAS POR PREFIXO
NA
TERMINOLOGIA CIENTÍFICA*

ANTÍDIO BARBOSA DE OLIVEIRA FILHO

FORTALEZA - 2003

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

*A FORMAÇÃO DE PALAVRAS POR PREFIXO
NA
TERMINOLOGIA CIENTÍFICA*

por

Antídio Barbosa de Oliveira Filho

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Lingüística.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Mosânio Teixeira Duarte

FORTALEZA - 2003

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística como requisito parcial necessário à obtenção do grau de mestre, outorgado, pela Universidade Federal do Ceará, e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca de Humanidades da referida instituição.

A citação de qualquer trecho desta dissertação é permitida desde que seja de acordo com as normas científicas.

Antídio Barbosa de Oliveira Filho

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Mosânio Teixeira Duarte – orientador
Universidade Federal do Ceará/CE

Prof(a). Dr(a) Luis Passeggi – 1º Examinador
Universidade Federal do Rio Grande do Norte/RN

Prof(a). Dr(a) Marlene Gonçalves Mattes – 2ª Examinadora
Universidade Federal do Ceará/CE

Prof(a). Dr(a) Francisco Tarcísio Cavalcante
Universidade Estadual do Ceará/CE (suplente)

Dissertação aprovada em 29 / 08 / 2003.

IN MEMORIAM

*A meu pai, cuja bondade,
generosidade e alegria tantas
saudades deixaram naqueles com
quem conviveu.*

AGRADECIMENTOS

A minha mãe e meu pai, que me ensinaram o essencial da vida e que nunca deixaram faltar apoio, ajuda e amor;

A Estela, pelo amor compartilhado;

A Luciana, sempre disposta a colaborar na feitura deste trabalho, a Márcia, Jacqueline, Cícero, Sandra e Ana Cláudia, pela convivência fraternal que tanto me ensina;

Ao professor e amigo Paulo, pela inteligência, paciência e companheirismo que demonstrou em todos os momentos de sua valiosa orientação;

À Tatiana, pela generosa ajuda em todo o trajeto da dissertação;

À CAPES, pelo financiamento da minha bolsa de estudo.

A todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para a realização deste trabalho.

RESUMO

Nossa dissertação discorrerá sobre o papel dos prefixos e pseudoprefixos na nomenclatura farmacêutica. O conceito de prefixo adotado por nós baseia-se em princípios formais relativos à noção de raiz constantes no artigo "A operacionalidade do conceito de raiz", de Basílio (1980), e na tese de doutorado intitulada "A composição nominal e a adjetiva: problemas e métodos", de Bessa (1986). Nosso objetivo é analisar os prefixos, os tipos de base e os contextos mais freqüentes, bem identificar o morfema prevalente (o prefixo ou o pseudoprefixo?), na nomenclatura farmacêutica. Como *corpora*, escolhemos dois bulários. Um deles é o DEF (Dicionário de Especialidades Farmacêuticas), publicação voltada para um público especializado. O outro *corpus* utilizado é o BPR - Guia de remédios, dirigido tanto a especialistas quanto a um público leigo.

Palavras-chave: raiz – base – contexto – prefixo – pseudoprefixo.

ABSTRACT

Our work is about the role of prefixes and pseudoprefixes in pharmacist nomenclature. The concept of prefix that we chose derives from the formal notion of root presented in an article by Margarida Basílio, "A operacionalidade do conceito de raiz", and in the Phd thesis by José Rogério Fontenele Bessa, "A composição nominal e adjetiva: problemas e métodos". Our aim is to analyse the most frequent prefixes, types of base and context as well as the prevailing morpheme (the prefix or the pseudoprefix?) in the pharmacist nomenclature. We decide to work with two *corpora*. One of these is DEF (Dicionário de Especialidades Farmacêuticas), an edition for a specialised public. The other one is also an edition about medicine, whose public is both specialised and non-specialised.

KEY-WORDS: root - base - context - prefix - pseudoprefix

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 NOÇÕES TERMINOLÓGICAS DE BASE	9
1.1 As noções de competência lexical e de léxico e o lugar dos afixos entre as entradas lexicais	9
1.2 O conceito de língua funcional	12
1.3 As criações lexicais: seus fundamentos lingüísticos e espaço- temporais	13
2 A PREFIXAÇÃO E CONCEITOS BÁSICOS DIRETAMENTE LIGADOS AO FENÔMENO	17
2.1 Processos de formação de palavras: pressupostos	17
2.2 Base e raiz	18
2.3 A derivação prefixal	28
2.4 Prefixação e sufixação	39
3 ANÁLISE DO CORPUS	46
3.1 Do corpus: caracterização e diretrizes de análise	46
3.2 Prefixos que exprimem espacialidade	49
3.3 Prefixos que exprimem temporalidade.....	60
3.4 Prefixos que exprimem oposição.....	67
3.5 Prefixos que exprimem favorecimento.....	82
3.6 Prefixos que exprimem quantificação.....	84
3.7 Prefixos que exprimem repetição.....	100
3.8 Outros prefixos	103
3.9 Contraponto estatístico entre prefixos e prefixóides	105
CONCLUSÃO	106
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	109

INTRODUÇÃO

O estudo da formação de palavras com prefixos e pseudoprefixos, em língua portuguesa contemporânea, na nomenclatura farmacêutica, constitui o objetivo precípuo de nosso trabalho. A proposta de trabalho originou-se de uma primeira intenção de pesquisa, alterada pelos motivos expostos a seguir.

Tencionávamos, inicialmente, investigar formações prefixais presentes na linguagem jornalística, a partir de edições eletrônicas do jornal Folha de São Paulo de um ano determinado. Todavia, a manipulação desse material revelou-se demasiadamente lenta e limitada.

Decidimos, então, substituir o *corpus*, conservando tanto o tema, ou seja, o processo de formação de palavras com prefixos e pseudoprefixos em língua portuguesa contemporânea, quanto os princípios norteadores da primeira intenção de pesquisa. Dessa maneira, substituímos a linguagem jornalística pela nomenclatura farmacêutica e adotamos, como novo *corpus*, as edições impressas de dois bulários, o DEF (Dicionário de especialidades farmacêuticas), em sua 29ª edição, e o BPR – Guia de Remédios, ambas edições impressas. O DEF contém informações sobre mais de seis mil produtos farmacêuticos. Sua elaboração é da responsabilidade de uma equipe médica, constituindo-se obra de referência na Medicina brasileira. Já o BPR – Guia de Remédios é uma publicação que tem por objetivo facilitar o entendimento dos remédios pela população leiga e servir como fonte rápida de consulta para os profissionais da saúde. Reúne informações selecionadas relativas aos principais medicamentos utilizados em medicina.

Desde o início da pesquisa, a legitimidade da escolha de um *corpus* científico para o tipo de estudo que pretendíamos colocou-se para nós como uma questão fundamental. Embora evidente a inclusão da linguagem científica no sistema lingüístico, obedecendo às mesmas regras seguidas pelos demais registros, como o jornalístico ou o literário, o *corpus* anterior, constituído a partir da linguagem jornalística, para a maior parte das pessoas, representa, com mais proximidade, a

“língua comum”. O *corpus* de cunho científico seria um tipo de registro especializado, não representativo, portanto, da comunidade lingüística.

A aparente baixa representatividade e o caráter confinado de alguns prefixos e pseudoprefixos existentes na linguagem científica costumam afastá-la de análises lingüísticas. Discordamos desse pensamento, sobretudo quando tomamos como medida de comparação a representatividade de inúmeras criações pertencentes ao registro literário, mais freqüentemente aceito como *corpus*. Tomemos, por exemplo, um autor como Guimarães Rosa, cuja obra literária tantas vezes se tem prestado a análises (cf. Galery, 1969 e Daniel, 1968). Pode-se, realmente, afirmar que o discurso rosiano é representativo da comunidade lingüística? O mesmo vale para muitas das criações com que nos deparamos nos jornais. Se quisermos ir além em nossas perquirições, indagaremos acerca da natureza de tal “língua comum”. Será a língua falada? Mas em que nível de formalidade?

O discurso científico, portanto, não parecia portador de nenhuma anomalia ou propriedade particular, nesse sentido, que justificasse sua exclusão de uma análise lingüística. A pesquisa lingüística do discurso científico mostrou-se nos legítima. Aliás, verificamos a importância crescente de estudos dessa natureza, como bem assinala Krieger (2000), ao refazer o percurso histórico dos estudos terminológicos. Novos rumos se desenham tanto para a pesquisa lingüística, aí incluídos os estudos terminológicos, quanto para a produção do próprio saber científico.

Krieger (2000) procedeu a uma revisão dos debates em torno da terminologia com o fito de apresentar o novo estágio em que se encontram os debates das idéias relacionadas à terminologia científica. O resultado foi a constatação de novas proposições no campo da investigação terminológica, como a passagem do paradigma normativo (fundador da teoria clássica da terminologia), para o enfoque pragmático-comunicacional das linguagens especializadas. O que se observa, segundo a autora, são proposições para o estabelecimento de uma nova teoria da terminologia articulada à luz do funcionamento da linguagem, uma gradual abertura de perspectiva para o tratamento textual e discursivo dos termos técnico-científicos.

O que significa evidenciar, ainda mais, a proximidade entre esse tipo de registro e o padrão lingüístico vigente na comunidade lingüística.

O desenrolar histórico da investigação terminológica mostra que o grande desenvolvimento do pensamento estrutural, marcadamente a partir dos anos de 1960, fez com que o estatuto de cientificidade deixasse de ser exclusivo daqueles campos de saber classicamente considerados tecnológicos e passasse a cobrir uma área mais vasta, encampando novas áreas do saber. Terminologias específicas no estabelecimento de princípios teórico-epistemológicos e metodologias próprias deixam de ser apanágios exclusivos de tais campos tecnológicos e são incorporados pelas chamadas áreas humanas do conhecimento.

Mas, enquanto nas terminologias das ciências tecnológicas clássicas, de natureza taxionômica, predominam formantes greco-latinos, nas novas áreas científicas e tecnológicas, em geral, há uma proximidade maior do léxico comum da língua, ampliando-lhe, inclusive, a quantidade de sentidos terminológicos. Conseqüentemente, os novos termos cunhados surgem como naturais aos sistemas lingüísticos, a cujos padrões morfossintáticos se associam. O comportamento dos novos termos identifica-se mormente com aquele de termos do léxico comum.

A coexistência dessas duas grandes categorias lexicais abole a barreira do artificialismo, imposta à terminologia científica para excluí-la do sistema lingüístico. O que acontece é a permeabilidade entre os universos discursivos dos conhecimentos especializados, sensíveis às influências do léxico comum. Deixa de fazer sentido a exterioridade significativa do termo, conforme Krieger (2000) constata.

Além disso, a autora menciona:

à problemática da feição da exterioridade significativa dos termos técnico-científicos, soma-se a idéia de que estes são meras etiquetas designativas a serviço da consolidação e divulgação das ciências e das técnicas. No bojo desse pensamento, encontra-se a concepção wüsteriana de que a terminologia expressa conceitos e não significados (2000: 218).

A crença positivista na homogeneidade e na transparência da linguagem científica, a qual teria como única função é expressar as verdades científicas, apóia-se, fundamentalmente, no argumento de que os conceitos científicos são estáveis, paradigmáticos, universais, enquanto os significados são lingüísticos e variáveis de acordo com o contexto discursivo e pragmático. O valor de uma unidade terminológica vê-se, dessa forma, limitado a seu lugar na estrutura conceptual de uma especialidade. Destarte, o termo técnico-científico é, primordialmente, uma unidade de conhecimento, ficando em segundo plano seu valor de expressão lingüística. Passa-se ao largo dessa questão. Isso quer ainda dizer que a parte significativa do termo é designação de um conceito. O que conduz à postulação de uma relação biunívoca entre conceito e termo e, conseqüentemente, à aceitação da idéia clássica de uma precedência do conceito sobre a denominação, além disso, justifica a afirmação de que a onomasiologia é caracterizadora do processo designativo das ciências e das técnicas.

Conforme Krieger,

essa direcionalidade do conceito à denominação, tomada não apenas em relação à produtividade lexical, mas também enquanto metodologia proposta para as atividades de organização terminográfica dos léxicos especializados costuma ser apresentada como o marco divisor entre as atividades de terminologia e as de lexicografia (2000: 218).

A dimensão conceitual adquire demasiada importância. Passa a ser uma noção central, subordinadora das demais. Esse conjunto de proposições, característico da Escola de Viena, segundo Krieger (2000: 219), “deve ser compreendido como a síntese de um lugar epistemológico com o qual a perspectiva lingüística não pode compactuar”.

O eixo da terminologia é lingüisticamente posto por Krieger:

as proposições inovadoras da terminologia se estabelecem à luz do princípio de que o conhecimento só pode ser produzido e apreendido mediante sua materialização nos diferentes sistemas semióticos, dentre os

quais o verbal é predominante no universo das ciências e tecnologias (2000: 219).

De tal forma que é possível compreender que o escopo da terminologia não é abordar cognitivamente o conceito e sim abordá-lo estruturalmente, isto é, pesquisar o suporte empregado no sistema semiótico verbal para a sua materialização.

Ou seja,

uma teoria da terminologia que compreende os termos como unidades lingüístico-comunicacionais não terá, pois, como foco central de interesse a problemática do conceito, tal como ocorre com as ciências cognitivas, em especial, com as teorias semânticas e a própria psicologia cognitiva. Entretanto, a importância da problemática da conceituação para a terminologia reside na sua relação e nos seus efeitos sobre uma série de componentes e aspectos de interesse específico dos estudos terminológicos... (Krieger, 2000: 219).

Dessa maneira, os princípios conceituais de apreensão dos léxicos temáticos, com vista à normalização em seu papel denominativo, predominam. Como alternativa a esse tipo de pensamento, as teorizações mais recentes recusam a dicotomia pensamento e linguagem, reivindicando “a compreensão dos termos como elementos naturais das línguas naturais, portanto, como unidades lingüístico-pragmáticas que participam da constituição dos discursos científicos e técnicos” (Krieger, 2000: 220).

Supera-se a função denominativa das linguagens de especialidade para se atingir novos objetos de estudo, os aspectos sociolingüísticos e pragmáticos. À idéia de univocidade subjacente às investigações terminológicas pautadas na monossemia, na exclusividade designativa, enfim na monorreferencialidade, contrapõe-se a polissemia dos novos estudos terminológicos.

No centro dos debates, surge a questão da política normalizadora atribuída ao manejo da terminologia. A tendência das atuais investigações terminológicas é a

crítica à inoperância e ao artificialismo do ideal normalizador para a produção terminográfica e a defesa da inclusão do contexto de produção dos léxicos especializados, como mais um fator para o estudo.

É a proposta da inter-relação dos léxicos terminológicos com os contextos comunicativos em que se materializam. E aí se lança mão das teorias do texto e do discurso (a Lingüística Textual e Análise do Discurso).

Dai adveio o aumento da compreensão da feição e do funcionamento das linguagens especializadas. Em outras palavras, as tentativas de compreensão do funcionamento dos léxicos terminológicos têm demonstrado que é preciso ir além dos elementos abordados pela teoria clássica da terminologia.

Em síntese,

a concepção de domínio de conhecimento, como contexto que confere especificidade terminológica a uma unidade lexical, desvincula as projeções do conhecimento de sua materialidade e de seu funcionamento discursivos, ao modo de uma dicotomia entre linguagem e pensamento (Krieger, 2000: 224).

Ou seja, são reconhecidos o dinamismo e a complexidade dos fatos da linguagem. Como consequência, crescem as condições de operacionalidade conferidas à terminologia. Trata-se de uma teoria da terminologia aparelhada

(...) teórica e metodologicamente de forma a poder dar conta, inclusive, do funcionamento das terminologias em contextos discursivos de distintos graus de conhecimento especializados (...) Com essa perspectiva, delineia-se também o desenvolvimento de uma teoria da terminologia que efetivamente leve em consideração os fatos da linguagem em toda a sua abrangência pragmática (Krieger, 2000: 224).

Contudo, as limitações que Krieger aponta não significam a negação da enorme contribuição fornecida pela teoria clássica da terminologia. A consolidação

do léxico terminológico como campo de conhecimento, a definição desse objeto específico, foi determinada em grande parte graças ao auxílio da teoria clássica. Além de um importante passo inicial, foi graças a isso que a terminologia pôde esboçar uma identidade própria e independente em relação à lexicologia e à lexicografia.

Estamos falando de uma teoria da terminologia que valoriza os aspectos comunicativos das linguagens especializadas, em detrimento da preocupação com o sistema denominativo das ciências e das técnicas. Valorização que nos conduz também à revisão dos estudos formais desses termos. A diversidade de tipologias terminológicas, em sua maioria constituídas ao modo de sintagmas nominais, tornou os parâmetros clássicos insuficientes e inadequados.

Trata-se, todavia, insistimos neste ponto, de uma complementaridade e não, verdadeiramente, de antagonismo.

...com efeito, com a adoção de paradigmas epistemológicos distintos, assentam-se as bases para uma teoria da terminologia que privilegia os aspectos comunicativos dos léxicos e das linguagens especializadas em todos os níveis e em toda a sua abrangência. Onde, a necessidade de adotar uma visão do funcionamento da linguagem com toda a sua complexidade para descrever, em melhores condições, a especificidade dos contextos discursivos nos quais as terminologias se manifestam. A constituição de todo esse aparato teórico inovador também acolhe o diálogo com a epistemologia da ciência, para ampliar seu poder explicativo (Krieger, 2000: 225).

A questão da inclusão do discurso científico no âmbito das investigações lingüísticas patenteia-se diante da seguinte observação da autora:

todos os problemas relacionados à identificação dos termos recrudescem porque as unidades lexicais, de alta produtividade nesta época de acelerado desenvolvimento da ciência e da tecnologia, não apenas proliferam-se intensamente, como cruzam as fronteiras dos diferentes discursos especializados. Não se pode esquecer que a ciência hoje é objeto de

vivência social e de grande divulgação em meios de comunicação (Krieger, 2000: 226).

Os novos parâmetros e orientações terminológicas buscam, enfim, equacionar tanto questões cognitivas quanto pragmáticas. Eles propõem também uma ampliação dos fundamentos teóricos da terminologia, buscando uma conseqüente ampliação das condições de instrumentação para o tratamento da profunda diversidade terminológica do mundo atual.

A linguagem científica legitima-se como representativa, uma vez que segue os mesmos padrões da língua culta adotados, por exemplo, pela linguagem jornalística na formação de novos termos.

Face ao supra-exposto, dividiremos assim o nosso trabalho:

- a) Capítulo I: Noções terminológicas de base, em que analisamos as noções de competência lexical, léxico, língua funcional e criação lexical. Neste último caso, estudaremos as funções exercidas pela formação de palavras e as condições de produtividade e de produção subjacentes a ela;
- b) Capítulo II: A prefixação e conceitos básicos relacionados a ela. Aí analisamos o conceito básico de raiz, base e prefixo. Opomos também prefixação a sufixação;
- c) Capítulo III: Análise do *corpus*. Caracterizamos o *corpus* escolhido e estabelecemos diretrizes de análise.

1 NOÇÕES TERMINOLÓGICAS DE BASE

1.1 *As noções de competência lexical e de léxico e o lugar dos afixos entre as entradas lexicais*

A competência lexical de um falante é uma noção abrangente, que, segundo Basílio, compreende os seguintes aspectos:

a) o conhecimento de uma lista de entradas lexicais; b) o conhecimento da estrutura interna dos itens lexicais, assim como relações entre os vários itens; c) o conhecimento subjacente à capacidade de formar entradas lexicais gramaticais novas (e, naturalmente, rejeitar as agramaticais) (1980:9).

Portanto, ao contrário do que faria supor o senso comum, a competência lexical não se refere apenas a uma lista isolada de itens lexicais armazenados na memória dos falantes. Ela compreende também o conhecimento da estrutura e do funcionamento interno desses itens. Contudo, antes de detalhar essa discussão acerca da competência lexical, é mister fazer alguns esclarecimentos prévios a respeito da definição de léxico.

Uma definição satisfatória de léxico deve permitir a inclusão em seu bojo tanto das formas lingüísticas consideradas como palavras, quanto das não-palavras. Não podemos aceitar a idéia de que, na lista de itens lexicais, estejam presentes exclusivamente as assim consideradas palavras de uma língua. Isto seria simplificar excessivamente a questão. Ademais, o próprio conceito lingüístico de palavra é controverso. Embora autores como Rocha (1999) admitam a intuição dos falantes para a classificação de um elemento como palavra, outros critérios são também adotados, tais como o uso e o registro em dicionários. Por esses dois critérios, itens como *antropo-*, *hidro-*, *-ário* e *-mento* devem ser considerados palavras. Então qual seria a solução? Qual critério adotar? Que elementos deveriam compor a lista de entradas lexicais?

Uma solução inicial seria empregar, em vez da noção de palavra, a noção de morfema¹. Surgiria, então, a hipótese de que a lista de entradas lexicais é composta apenas de morfemas. Já não haveria mais o problema conceitual. Contudo, é preciso considerar que o falante conhece tanto o morfema isolado, quanto conhece, separadamente, os produtos das combinações entre os morfemas.

Deveriam ser incluídas na lista itens com uma ou mais raízes, ou seja, os lexemas. Além disso, é preciso lembrar a possibilidade de novas formações a partir de itens complexos da língua. Assim, *dolarização* tem como base *dolarizar*, que não constitui morfema, mas palavra complexa da língua, que existe no léxico mental dos falantes.

Ainda a respeito dos lexemas, queremos dizer que podem ser puros, isto é, apresentarem apenas um elemento lexical, ou complexos, apresentarem dois ou mais elementos lexicais.

Entretanto, a lista de itens lexicais ainda não estaria completa se parássemos por aí. Lexemas são bases livres. Não incluem os afixos, para citar somente um exemplo, que também são formas, inegavelmente, conhecidas dos falantes, embora não sejam formas livres. Em concordância com Selkirk (1982: 59), conferimos o *status* de item lexical ao afixo, uma vez que essa forma se encontra submetida a uma categoria e é dotada de uma entrada lexical, a exemplo de todos os morfemas livres ou itens morfologicamente complexos.

Dentre as entradas lexicais presas, apenas as bases presas (por exemplo, *hipo-*, *hidro-*, *eco-*, *antropo-*, *-latr(ia)* etc.) funcionam como raízes, quer dizer, participam como bases na formação de novos itens lexicais (*hidr-ico*, *hidro-massagem*, *eco-xiita* etc.).

¹ Seguimos, assim, o exemplo de autores consagrados, como Hjelmslev (1974) e Martinet (1973), que refugam a noção de palavra por não se poder definir critérios universalmente válidos para a delimitação da unidade. Por isto, autores como Biderman (1978) socorrem-se do relativismo lingüístico de Whorf (1971), preferindo conceituar a palavra no domínio tipológico de uma língua flexional, aglutinante ou isolante.

As vogais temáticas nominais e verbais, por sua vez, como é sabido, tão somente predisõem o nome e o verbo, respectivamente, para o acréscimo das desinências e têm caráter estritamente mórfico e não morfossintático, como as desinências.

Em português, apenas as entradas lexicais livres e as dependentes funcionam como palavras, ao contrário das entradas lexicais presas. Nisto, apoiamos basicamente em Câmara Jr. (1994), que refinou o conceito bloomfieldiano de palavra (cf. Bloomfield, 1933).

E, finalmente, se o critério a ser adotado é o do conhecimento por parte do falante, forçoso será admitir ainda outras formas lingüísticas, como as formas dêiticas e as dependentes, as desinências e as vogais temáticas².

É plausível retirar do âmbito das regras os elementos que não são raízes (ou semantemas), como os afixos. De fato, bases, afixos, desinências e equivalentes não podem ser considerados como as regras em si, mas como itens lexicais que preenchem processos, que são as regras.

Em suma, a lista de entradas lexicais, de acordo com Rocha (1999), deve incluir, além dos morfemas, todas as formas lingüísticas conhecidas do falante, conforme o esquema³:

² Para a definição dos vocábulos dêiticos, Rocha (1999) vale-se de Câmara Jr. (1969: 153-154), segundo o qual os dêiticos, ao contrário dos nomes propriamente ditos, exprimem um “ser” intrinsecamente, “mas em função de uma situação lingüística”. O seu significado “é apenas a relação estabelecida com as duas pessoas no discurso, ditas pessoas gramaticais: o falante e o ouvinte”. Acerca disto, Rocha (1999: 64) comenta: “As entradas lexicais dêiticas são palavras com significado especial, *sui generis*. Não apresentam raiz e não servem de base para a formação de outras palavras”. Mas Rocha inclui os chamados pronomes indefinidos entre os dêiticos, que deveriam incluir-se como classe à parte.

³ O que apresentamos acima configura nossa postura teórica, mas convém destacar que o conceito de léxico é controverso. Segundo Martins (1989), apoiado em Rey-Debove (1973), o léxico pode ser conceituado de três maneiras: a) conjunto de morfemas de uma língua; b) conjunto de palavras de uma língua; c) conjunto de palavras ou unidades de classe aberta de uma língua.

ENTRADAS LEXICAIS

- LIVRES
 - ◆ lexemas
 - puros – *mar, café, livro, gato, calmo, varrer, participar, cedo*
 - complexos simples: *livreiro, reler, esclarecer*
 - compostos: *guarda-roupa, secretária-eletrônica,*

- VOCÁBULOS DÉITICOS – *eu, nosso, isto, algum, aqui, lá*

- DEPENDENTES – *de, para, embora, que, o, uma*

- PRESAS
 - ◆ bases – *hipo-, hidro-, eco-, -log(ia), -latr(ia)*
 - ◆ afixos – prefixos – *re-, in-, des-, inter-*
 sufixos – *-ção, -agem, -ice, -it(ar), ec(er)*
 - ◆ desinências nominais – *livro-s, alegre-s, risonh-o, bonit-a*
 verbais – *caminha-mos*
 - ◆ vogais temáticas nominais – *livr-o, hort-a*
 verbais – *par-ar*

1.2 O conceito de língua funcional

Adotar-se-á aqui o conceito de língua funcional, proposto em Coseriu (1979), levando-se ainda em consideração a condição proposta por Chomsky (1978: 83) de uma completa homogeneidade de uma comunidade lingüística para que se reconheça o falante-ouvinte ideal.

A conclusão retirada da noção chomskyana é a de que existe, em princípio, uma especificidade das listas em relação a determinada comunidade lingüística. Embora a maior parte dos itens seja comum às várias microcomunidades lingüísticas, é necessário supor, a fim de tornar possível o estudo da morfologia gerativa, que a lista é própria de um grupo com características particulares.

A homogeneidade lingüística tanto pode ser circunscrita espacialmente, como no caso dos dialetos regionais, quanto socialmente, no caso dos dialetos sociais. Sem o estabelecimento desses limites dialetais, ou seja, dos limites dessas comunidades lingüísticas, as interpretações tornam-se ambíguas, e o estudo da lingüística, inexequível. Bem afirma Bechara (1985:55), “só numa língua funcional e não numa língua histórica em sua plenitude (por ser uma coleção de línguas funcionais), é que têm validade as oposições, estruturas e funções que se encontram numa tradição idiomática”. Bechara baseia-se na concepção coseriana de língua funcional, uma língua sintópica, sinstrática e sinfásica, por oposição à língua histórica, diatópica, diastrática e diafásica.

1.3 As criações lexicais: seus fundamentos lingüísticos e espaço-temporais

O surgimento de vocábulos, geralmente, dá-se de forma tão natural e constante dentro de uma comunidade lingüística, que a grande maioria dos falantes sequer atenta para o porquê, quando ou como corre esse processo. Esses questionamentos, todavia, perpassam qualquer investigação lingüística em torno da formação de novas palavras.

As motivações para as criações lexicais parecem subordinadas a três fatores: as exigências do sistema lingüístico, a influência do sujeito-falante e o valor semântico⁴. Para cada um desses três fatores, respectivamente, Basílio (1987) postula três funções na formação de palavras:

- a) função de mudança categorial;
- b) função expressiva de avaliação;
- c) função de rotulação.

Comentaremos uma a uma as funções supra. Em seguida, falaremos das condições de produção e condições de produtividade.

⁴ A este respeito, cf. Sandmann (1997).

1.3.1 A função de mudança categorial

A estrutura do sistema lingüístico pode, em determinadas circunstâncias de uso, exigir a transcategorização de um item, isto é, a passagem do item lexical de uma classe para outra. Seria contrária ao princípio da economia lingüística, característico das línguas naturais, a necessidade de acrescentar novos itens ao sistema a cada situação nova com que se deparassem os falantes. É o que Rocha (1999) denomina de “coerção discursiva do sistema”. Surge, então, a função categorial.

1.3.2 Função expressiva de avaliação

A função expressiva de avaliação envolve a utilização de afixos afetivos, enfáticos e intensificadores. Portanto, nesse tipo de função, predomina o papel do sujeito-falante na formação de novos itens lexicais.

As formações sufixadas surgem em função da necessidade de o falante expressar a sua subjetividade. Merece menção o fato de a função poder ser cumulativa, isto é, o falante pode utilizar simultaneamente a função de mudança categorial e a função expressiva.

1.3.3 Função de rotulação

Essa função decorre de uma necessidade inerente ao homem em seu devir histórico: nomear o mundo que o cerca, objetos, ações, lugares, sensações, sentimentos, emoções, nomear a si mesmo inclusive. Envolve fatores pragmáticos, culturais, históricos, tecnológicos, entre outros.

1.3.4 Quando e como se formam novas palavras: condições de produtividade e condições de produção

A todo momento e nos mais diversos registros, do culto ao coloquial, novas palavras são formadas. Com o decorrer do tempo, a própria comunidade, através do uso que os falantes fazem da língua, tratará de incorporar ou rejeitar esses novos itens lexicais.

Admitimos a existência de dois tipos de regras morfológicas: Regras de análise estrutural e Regras de formação de palavras, ou abreviadamente RAEs e RFPs. A criação de palavras seria determinada pelo acionamento de regras do segundo tipo. RFP implica RAE, mas a recíproca não é verdadeira, como em *agrário*, cuja RAE fornece *agr-ário*, cuja base, no entanto, não é livre, portanto, não é palavra.

A fim de compreender adequadamente o funcionamento da formação de palavras, seguimos o exemplo de Bauer (1983), por concentrar sua atenção nos processos produtivos em vez de nas formas lexicalizadas.

Esse funcionamento ocorre por meio do acionamento de regras. Aí ocorre um problema. As regras são limitadas, apresentam um número considerável de restrições quanto a sua aplicação.

É preciso atentar, todavia, para o seguinte: o fato de as RFPs serem regras de alcance limitado, sujeitas a restrições, não significa dizer que o léxico, na realidade, é algo desestruturado, não passando de entradas lexicais desordenadamente reunidas. Concordamos com Basílio, que afirma que "o léxico apresenta uma estruturação subjacente definida, sendo organizado de acordo com padrões de diferentes tipos..." (1980: 113).

Se existem RFPs que, apesar de produtivas (por definição), deixam de apresentar formações inteiramente previsíveis, isso significa apenas que o problema não está bem colocado. Produção e produtividade são duas noções distintas.

Conseqüentemente as condições de produção e as condições de produtividade pertencem a esferas diferentes. Nas palavras de Basílio (1990: 3), a produtividade é a "medida do potencial que uma regra tem de operar sobre bases especificadas para produzir construções morfológicamente possíveis...". De tal forma que condições de produtividade de uma regra e condições de produção são duas noções distintas, uma vez que estas se encontram na dependência de fatores pragmáticos, discursivos e paradigmáticos.

Estendemo-nos um pouco mais a respeito das condições de produtividade, valendo-nos outra vez de Rocha (1999):

uma regra deve ser especificada em todas as suas características, quer quanto à base (categorização, sub-categorização, constituição morfológica, traços semânticos etc.), quer quanto ao produto (idem) (...). É isso o que se entende por condições de produtividade. A base *dólar* reúne as condições ideais de produtividade da RFP S – *S-eiro*, uma vez que apresenta tais e tais características (sexto capítulo). Por sua vez, o produto – *doleiro* – é concreto, ou seja, é uma palavra real da língua, com tais e tais características. O mesmo não acontece com a palavra *franco* (moeda francesa). Como base, ela apresenta condições ideais de produtividade, com tais e tais características, similares a *dólar*. O que se constata, porém, é que (?) *fraqueiro*, embora seja um item lexical possível, não é um produto concreto, ou seja, não é uma palavra real da língua. Em resumo: no caso de *franco*, existem as condições de produtividade com relação à RFP S – *S-eiro*, mas há restrições relacionadas com as condições de produtividade (1999: 86).

Uma vez estabelecidos os parâmetros indiretamente ligados ao assunto em tela, passamos a outros temas, mais diretamente vinculados à prefixação no próximo capítulo.

2 A PREFIXAÇÃO E CONCEITOS BÁSICOS DIRETAMENTE LIGADOS AO FENÔMENO

2.1 *Processos de formação de palavras: pressupostos*

Processos de formação de palavras são os mecanismos lingüísticos pelos quais são criados itens lexicais.

Rocha (1999) procedeu a um levantamento a partir de sete consagradas gramáticas de linha tradicional e constatou a ausência de consenso quanto à delimitação dos processos de formação de palavras. A partir dessa constatação, ele propõe a existência de apenas três processos produtivos de formação de palavras no português contemporâneo: a derivação, a composição e a onomatopéia. Esses três processos abarcariam, necessariamente, em seu entender, todos os neologismos portugueses. Mas o assunto é controverso: há, por exemplo, os truncamentos, os hipocorísticos e os oniônimos.

Quanto à definição de neologismo, citamos a proposta de Alves (1990: 5), que defende um conceito abrangente do termo, como sendo um item lexical novo surgido por meio de “mecanismos oriundos da própria língua, os processos autóctones, ou por itens léxicos provenientes de outros sistemas lingüísticos”. Porém, considera que, no segundo caso, trata-se de estrangeirismos ou empréstimos. Interessam aqui primeiramente as criações pelos “mecanismos oriundos da própria língua”, ou seja, dos processos de formação de palavras, assim considerados pela autora. Criações lexicais não orientadas pelos padrões estabelecidos pelos processos de formação de palavras, por sua vez, são em número relativamente baixo e não podem ser sistematizadas. Trata-se de ponto controverso, pois estrangeirismos podem assumir feição vernácula, no plano fônico e/ou gráfico e formar novas palavras em vernáculo.

Estabelecidos os parâmetros acima, passamos aos termos diretamente ligados ao nosso trabalho.

2.2 Base e raiz

2.2.1 Base

O processo de derivação consiste na formação de um produto (P) a partir de uma base (B):

$$B \rightarrow P$$

Esses dois conceitos, o de base e o de produto, são relacionados na proposta de Rocha (1999: 100) à competência lexical dos falantes. Base e produto, é bom destacar, envolvem também o reconhecimento intuitivo que os falantes fazem de palavras primitivas e palavras derivadas.

O autor, a princípio, define base como “uma seqüência fônica recorrente, a partir da qual se forma uma nova palavra, ou através da qual se constata que uma palavra é morfologicamente complexa”.

Essa seqüência fônica recorrente não necessariamente é uma palavra da língua. Apesar de, na maioria dos casos, novas palavras na língua formarem-se a partir de bases que constituem palavras da língua, ou bases livres, pode-se ter uma formação a partir de uma forma presa.

Basílio (1987:13-14) lembra ainda que “as palavras não são formadas apenas por uma simples seqüência de elementos constitutivos; elas são também estruturadas em camadas que podem atingir vários níveis”.

2.2.2 Raiz

Em Saussure (1977: 216), encontramos uma definição de raiz que servirá de molde a quase todas as demais definições tradicionais de raiz. Saussure define raiz como sendo o “elemento irreduzível e comum a todas as palavras de uma mesma família”. Acrescenta que é o “elemento em que o sentido comum a todas as palavras aparentadas alcança o máximo de abstração e de generalidade”, visto que “toda

decomposição subjetiva e sincrônica só pode separar os elementos materiais considerando a porção de sentido que cabe a cada um deles”. Trata-se de um conceito altamente abstrato, que nem por isso deixou de encontrar guarida em perspectivas teóricas, como a de Macambira (1978), por exemplo, embora se mostre circular em algumas situações.

Conceitos desse jaez, que afirmam, por exemplo, que raiz é a parte da palavra que encerra o significado principal da lexia são insuficientes, como bem assinala Basílio (1974). No momento de proceder à segmentação vocabular, esbarra-se em uma circularidade do conceito do que é principal ou acessório em termos de significado de uma palavra. Basta tomar como exemplos sufixos como *-eiro* e *-ista*. No exemplo *banqueiro*, que é segmentado em *banco* + *-eiro* e que pode se converter sintático-semanticamente em 'aquele que é proprietário de um banco', o que é acessório o que não é? O primeiro elemento ou o segundo?

Como contraponto ao enfoque tradicional, analisaremos o ponto de vista de alguns lingüistas, a começar pela teoria de cunho distribucional do lingüista norte-americano Nida (1949). Em seguida, verificaremos sua revisão e ampliação empreendidas por Basílio, em uma linha gerativista; e, por fim, discorreremos sobre Bessa (1986), que endossa os preceitos de Basílio, trazendo, todavia, contribuições e acréscimos ao construto teórico da autora.

2.2.3 O critério distribucionalista de Nida

Nida (1949) propõe uma conceituação estruturalista de raiz, pautada em dois parâmetros principais: de um lado, os constituintes imediatos e, de outro, cinco princípios básicos de ordem variada, indicadores da melhor segmentação a ser adotada.

Nida (1949: 83-4) utiliza os conceitos de determinante e determinado e operacionaliza os conceitos de raiz, radical, núcleo e periferia a partir dos seguintes pares e nos seguintes termos:

- a) raiz x não-raiz: a quantidade de raízes é variável, de acordo com a natureza da lexia: uma só raiz, para os derivados, e mais de uma para alguns compostos;
- b) raiz x radical: este pode ter um núcleo, com uma ou mais raízes, ou um núcleo acrescido de outros morfemas não-raízes (afixos derivacionais, por exemplo), com exceção do morfema no final do constituinte, adicionado com fim flexional;
- c) núcleo x não-núcleo: a diferença entre os dois é que o primeiro corresponde a uma raiz ou uma combinação de raízes, enquanto o segundo não;
- d) núcleo x periferia: o primeiro consiste de um núcleo ou o contém, podendo também constituir o ponto de partida (*head*) para uma construção subordinada endocêntrica; o segundo, geralmente, é uma não-raiz, portanto sempre exterior ao constituinte nuclear.

Cumpramos observar que nem todas as distinções destacadas são claramente definidas pelo autor. Os limites conceituais de núcleo/raiz, não-núcleo/não-raiz, por exemplo, são determinados de maneira pouco precisa.

Inicialmente, analisaremos o primeiro dos dois parâmetros apontados no início desta seção do trabalho, ou seja, a questão da segmentação dos elementos mórficos a partir da noção de constituintes imediatos.

Atinge-se a raiz de uma palavra a partir de sucessivas partições binárias em constituintes imediatos ou, na nomenclatura de Nida, em núcleos e periferias. Essa apreensão da raiz, até uma unidade irreduzível, não se dá de forma aleatória, mas em obediência a uma ordem binária estabelecida pelos constituintes imediatos, isto é, as sucessivas divisões dos radicais transcorrem de acordo com propriedades combinatórias dos afixos, de acordo com princípios de ordenação, expostos genericamente⁵. É importante esclarecer que não estamos lidando com regras exatamente, e sim com princípios. A justificativa para tanto é simplesmente que

⁵ Cf. Nida (1949) a respeito dos princípios de segmentação.

não podemos dizer que uma divisão de morfemas é inerentemente certa e outra errada, mas somente que uma divisão produz uma descrição coerente e relativamente simples de uma língua e que a outra produz um tipo de descrição contraditória e mais complicada (1949: 90-1).

Núcleo e periferia, nos termos propostos por Nida (1949), são categorias que funcionam em diferentes níveis no interior de uma mesma palavra. Ao longo do processo de depreensão binária da teoria dos constituintes imediatos, pode surgir mais de um núcleo e mais de uma periferia. De acordo com a teoria dos constituintes imediatos, a depreensão da raiz da palavra *interdisciplinaridade* seria a seguinte:

interdisciplinar (N) + *idade* (P)

inter (P) + *disciplinar* (N)

disciplin(a) (N) + *ar* (P)

Em vez de simplesmente:

inter + *disciplin* + *ar* + *idade*

Destacamos as observações feitas por Duarte (2001):

de acordo com a noção de constituintes imediatos, os afixos são elementos determinantes em relação ao radical, que é o elemento nuclear. Quem adota o ponto de vista semântico pode chegar a resultados diferentes. Assim, em *saleiro*, que se converte sintaticamente em “recipiente para sal”, o sufixo carregaria a noção mais importante e, por isto, é o determinado. Já em *prever*, que se desdobra em “ver com antecedência”, o prefixo é o determinante. Os fundamentos semânticos, neste último caso, conduzem ao mesmo resultado do princípio dos constituintes imediatos. Os afixos constituem, portanto, elementos de natureza periférica (2001: 80).

No que tange à identificação da raiz, algumas ressalvas podem ser feitas aos estudos de Nida. O autor, em certos momentos, como quando reconhece a dificuldade que, às vezes, há em separar raízes de não-raízes, não faz a devida distinção entre fatos de língua e fatos de discurso, diacronia e sincronia.

Essa dificuldade de distinção entre raízes e não-raízes é atribuída pelo autor ao fato de algumas raízes se tornarem não-raízes e vice-versa. Como ilustração, examina o exemplo da forma inglesa *-ism*. Essa forma é não-raiz em *fatalism* e *comunism*, e raiz em frases do tipo “*I’m disgusted with all these isms*” (Estou aborrecido com todos esses *ismos*). Por outro lado, *like*, que era raiz, tornou-se historicamente não-raiz, pela forma presa *-ly*. Para o primeiro exemplo, não caberia pensar em transformação. Verdadeiramente, o elemento *-ism* apresenta duas distribuições diferentes: uma no corpo do vocábulo e outra que ultrapassa o contexto vocabular, simplesmente, um resultado de uma contingência de fala. Quanto à forma *-ly*, ocorre uma desnecessária mistura de planos lingüísticos, a fim de concluir quanto ao *status* lexical do elemento.

Um exemplo de raiz, segundo Nida, seria o elemento *cran* (de *cranberry*). A justificativa é a posição característica de raiz ocupada pelo elemento. O autor refere-se ao que, no inglês, segundo Sandmann (1997: 20), denomina-se de “*cranberry morphs*”, o que também ocorre no alemão, em referência a nomes alemães de frutas análogos aos do inglês, que se denomina de “*unikale Morpheme*”. Ou seja, seria um caso de *hapax legómena*. O exemplo de Nida, entretanto, não se encontra devidamente enquadrado nessa situação. Dois problemas são apontados por Bessa (1986: 235): em primeiro lugar, *cran* não pode mais ser considerado como morfema de ocorrência única, uma vez que já é reconhecida sua ocorrência em outros itens lexicais como *cranicot* e *cranprune* (*apud* Bessa, 1986: 233); em segundo lugar, a extensão conceitual de raiz a elementos de ocorrência única não procede.

2.2.4 A proposta de Basílio

Se a proposta de Nida, de cunho estruturalista, calcada na teoria dos constituintes imediatos, com seus princípios norteadores, peca pela inexatidão dos conceitos de raiz e núcleo, chegando, muitas vezes, a ponto de os dois se confundirem. Basílio visará, antes de tudo, a essa falha, servindo-se conjuntamente da teoria gerativista, em seus aspectos sincrônicos e mecanicistas, e das RFPs e RAEs, referidas em 3.4.

Dessa maneira, Basílio intenta operacionalizar o conceito de raiz, a partir do seu pressuposto, a definição de núcleo, para que não haja confusão entre os dois termos, como, por vezes, ocorria em Nida (1949). Evidentemente, há coincidência entre os dois conceitos quando a raiz é o núcleo mínimo.

Eis os critérios operacionais propostos pela autora para definir raiz:

- 1 - a possibilidade de ocorrência como forma livre;
- 2 - a capacidade de servir como base para a derivação.

O preenchimento de apenas um dos dois critérios já é suficiente para caracterizar uma raiz.

Os parâmetros de Basílio, se rigorosamente aplicados, entretanto, podem conduzir a resultados indevidos. A simples possibilidade de ocorrência isolada, por exemplo, permitirá classificar como raízes os elementos mórficos *com-* e *entre-*, em *compartilhar* e *entreolhar-se*, já que podem ocorrer como formas livres, isto é, como preposições.

É preciso ter-se em conta, no entanto, o que Carvalho (1974), diz a respeito do exemplo francês *contredire*:

...a identidade material de *contre-* em *contredire* e *contre-* em “*agir contre quelqu’un*” não implica identidade significativa (tratando-se, pois, nos dois casos, do mesmo significante em funções diversas) e muito menos que o segundo *contre-* seja o prefixo em função de preposição (1974: 54).

Como fizeram outros autores anteriormente e até de linha metodológica diversa, como Câmara Jr. (1969), Basílio também reconhece uma identidade formal entre alguns afixos e certas preposições. A autora, porém, diverge das análises tradicionais, ao preferir considerar, indiscriminadamente, todos esses elementos como raízes, passando ao largo das diferenciações funcionais no plano lexical.

Aqui adotaremos o ponto de vista segundo o qual os elementos correspondentes a preposições não são raízes, porque estamos falando de funções distintas no plano lexical: *contra* em *contra-atacar* não tem o caráter de morfema relacional. Também formas como *bem-*, *mal-* e *não-* (*bem-querer*, *mal-estar*, *não-fumante*) não são consideradas raízes, mas pseudoprefixos devido à diferença de distribuição delas em relação à das formas livres correspondentes.

O segundo critério, de acordo com Duarte (2001: 87), não representa nenhuma novidade nas pesquisas em torno do assunto, uma vez que já estava implícito no compêndio da Real Academia Española (1982: 166). Aí se afirma que são raízes os primeiros elementos destacados de cada um dos vocábulos da série: *sombr-ero*, *varie-dad*, *tard-ío*, *contr-ario*. Iorgu e Manoliu (1980: 48) já tinham observado a correspondência entre as formas como *electro-* e *tecno-* (romeno *electro* e *techno*) e as formas *elétrico* e *técnico*, embora preferissem tratá-las como pseudoprefixos.

2.2.5 A proposta de Bessa: a mobilidade distribucional

Bessa (1986: 236-43) imprime à análise mórfica cunho formal mais rígido e extremado. Embora ainda reconhecendo o sentido, postula, claramente, o primado da forma. Para o autor, a questão da determinação da natureza lexical de um elemento formativo pode ser resolvida à luz de sua distribuição. Para a fundamentação de sua base metodológica, o autor revisitou algumas oposições básicas: *raízes / não-raízes*, *forma livre / forma presa*, *raiz / radical*, e *núcleo / não-núcleo*. O primeiro par dessas oposições relacionadas com a distribuição dos morfemas, *raízes/não-raízes*, é o principal, “uma espécie de distinção-chave”.

Esse par opositivo, já clássico na literatura lingüística, inclui a distinção entre raízes livres e presas.

Quanto às duas outras oposições, *raiz / radical* e *núcleo / não-núcleo*,

não têm tido a mesma difusão, mas são, indiscutivelmente, de importância capital para uma definição operacional de raiz. Apesar de concedermos maior relevo à distinção entre raiz e não-raiz, esta deve ser considerada à luz dessas duas oposições. Uma atitude contrária seria desaconselhável em face de nossa própria tradição gramatical, que costuma fazer distinção entre raiz e radical. Como na referida tradição, admite-se, em alguns casos, a coincidência entre raiz e radical e, conseqüentemente, a existência de níveis de radical, é óbvio que as noções de núcleo e não-núcleo têm de ser levadas em conta (1986: 228-229).

Bessa considera a distinção entre raízes e não-raízes a partir dos conceitos de núcleo e não-núcleo. Segundo ele, “a lingüística reivindica a delimitação nítida dos conceitos de núcleo e raiz, propondo-a como critério que permitirá a identificação de raízes e afixos” (1986: 235). Excluindo-se os casos de núcleo mínimo, o autor reconhece que a noção de raiz não se confunde com a de núcleo.

A análise das duas condições propostas por Basílio permite a Bessa constatar que a afirmação de que um elemento será considerado raiz, se ele existir, na língua, servindo de base a derivado(s), “favorece, por exemplo, elementos como *aero-*, *agro-*, *auto-*, *fono-*, *geo-*, *hidro-*, *hipo-*, *termo-*, *ultra-*, *uni-*, entre outros, os quais, não ocorrendo isoladamente, servem, contudo, de base a derivados”, enquanto a possibilidade de ocorrer como forma livre “favorece, por exemplo, elementos como *bem*, *mal*, *doze*, entre outros, os quais, não servindo de base a derivado(s), podem ocorrer isoladamente, isto é, constituir ou resumir um enunciado inteiro sob a forma de resposta, condicionada pelo contexto comunicativo” (Bessa, 1986: 237).

Essas duas condições compreendidas na conceituação de raiz, segundo Bessa, “fazem entrar em linha de conta os elementos vernáculos e os não-vernáculos de complexos morfológicos, mas não abrangem ainda todos os elementos não-vernáculos” (1986: 237).

Contudo, ao se defrontar com elementos como *filo* e *hélio*, Bessa observa que tais elementos não podem ser considerados não-raízes em virtude de sua mobilidade distribucional, ou seja, “esses elementos podem funcionar como primeiro ou segundo termo de composição”.

É a partir daí que o autor enxerga a necessidade de inclusão de uma terceira condição na conceituação de raiz, para torná-la ainda mais abrangente. De tal modo que ela passa a ser assim enunciada:

raiz é todo elemento que preenche, ao menos, uma das três seguintes condições: 1ª – um elemento será considerado raiz, se existir, na língua, servindo de base a derivado(s); 2ª – um elemento será também considerado raiz, se ocorrer isoladamente, em situações normais da língua escrita e da comunicação em geral; e 3ª – um elemento será, finalmente, considerado raiz, se puder ocupar mais de uma posição no contexto do vocábulo (1986: 238).

Salientamos que essas três condições não estão necessariamente implicadas entre si.

A contribuição de Bessa às tentativas de conceituação de raiz reside, principalmente, no acréscimo do critério da mobilidade distribucional, segundo o qual, *filo* é raiz, pois pode ocupar a primeira ou segunda posição no corpo do vocábulo. *Filo* aparece na primeira posição em *filocomunista*, e na última, em *francófilo*; *fono* assume a primeira posição em *fonógrafo* e a última em *hipnofono*. Por isto, *filo* e *fono* são raízes.

Cabe lembrar que, antes de Bessa, já se conhecia o critério da mobilidade distribucional. Em Chevalier et al. (1987: 56-7), os limites fronteiriços entre os processos da derivação e da composição estabeleciam-se a partir dos exemplos de elementos deslocáveis. A mobilidade distribucional era igualmente reconhecida por Iorgu e Manoliu (1980: 48), que interpretavam os constituintes deslocáveis como pseudoprefixos ou prefixóides.

Em relação aos critérios baseados na operacionalização do conceito de raiz, estamos de pleno acordo com Duarte (1999: 107) quando afirma que o “maior defeito reside no fato de não considerar os empréstimos ou heranças lexicais”. Embora seja critério válido, porque “explícito nas formulações”, vale ainda a ressalva feita pelo mesmo autor de que:

...não basta haver pura e simplesmente correspondência entre forma no contexto vocabular e forma livre ou dependente. Deverão ser levadas em conta diferenças distribucionais entre uma dada forma no enunciado e no plano vocabular. O conceito de forma livre, destaque-se, é relativo ao enunciado e os conceitos de raiz e prefixo, ao contexto vocabular (1999: 107).

A inclusão que faz dos itens *autismo* e *autista* como derivados não está livre de controvérsia. As duas formas, por serem oriundas, respectivamente, das formas francesas *autisme* e *autiste*, segundo Cunha (1987), são negadas por alguns como exemplos legítimos de derivação no português. O mesmo ocorrendo com duas outras formas citadas como exemplos de derivados: *ultraísmo* (termo oriundo do espanhol) e *extrário* (do francês *extraire*).

Na falta de critério ideal, em meio a tantos estabelecidos, adotaremos, todavia, o de cunho operacional, com as seguintes ressalvas:

- a) não bastam equivalências formais, mas também distribucionais: por isto, *sobre* em *sobrevoar* não é igual a *sobre* em *voar sobre a cidade*;
- b) existe o problema da consciência lingüística do falante na detecção dos elementos mórficos;
- c) não é pacífica a inclusão de formas adaptadas de outras línguas, mas, caráter esdrúxulo à parte, de algumas formas, como *ultraísmo*, citada por Bessa (1986), derivado de *ultra-*, aceitamos itens com motivação semântica, como *autismo*, que, para boa parte dos falantes, se liga a *auto*. Neste item c), impõe-se freqüentemente decisão do lingüista quanto à aceitação ou não de relação entre formas, o que gera opiniões nem sempre concordes.

2.3 A derivação prefixal

2.3.1 Derivação prefixal: panorama

O processo denominado derivação prefixal dá-se com o acréscimo de uma seqüência fônica recorrente, chamada prefixo, a uma base já existente. Tal seqüência fônica recorrente não poderá ser base e ocupará a posição à esquerda de uma base para formar um item lexical. Os prefixos, a exemplo dos sufixos, podem ser caracterizados fonológica, semântica e funcionalmente. Outra característica comum aos afixos é o fato de serem todos formas presas.

Outras características podem ser inferidas a partir do que asseveramos quando tratamos da operacionalidade do conceito de raiz: o prefixo não é distribucionalmente móvel, nem gera derivados.

2.3.2 Prefixação: derivação ou composição?

Um problema inicial relacionado à prefixação diz respeito à classificação desse processo de formação de palavras: derivação ou composição de palavras?

A presença da estrutura prefixo + base deveria ser suficiente para assegurar que os prefixos caracterizam a derivação. Nesse sentido, citamos como exemplos as formações *reler*, *decompôr*, *infeliz*, *postônico* e *transpor*. Todavia, os elementos iniciais de formações como *sobreviver*, *conviver*, *entressafra* e *contradizer* desobedecem à caracterização dos prefixos como formas presas, uma vez que os elementos *sobre*, *com*, *entre* e *contra* correspondem a autênticas palavras da língua. Os exemplos com esses constituintes colocariam em xeque a inclusão da prefixação, pelo menos em parte, entre os processos de derivação. Por isso, alguns autores, como Câmara Jr. (2001, s.v. *prefixo*), sustentam que, em tal situação, o mais apropriado seria falar-se em composição e não em derivação.

Preferimos, no entanto, considerar tais casos como formações derivadas e não compostas, em virtude do que se segue.

Nosso argumento baseia-se no fato já referido de que as criações lexicais compostas devem apresentar no mínimo duas raízes. Em *sobreviver*, *conviver*, *entressafra* e *contradizer*, as entidades *sobre*, *com*, *entre* e *contra* não são raízes, porque são meras formas presas homônimas das preposições, correspondem a elas, mas não são preposições. Daí, concluímos que são itens lexicais distintos, portadores de funções diferentes. Isto já foi comentado quando tratamos do conceito operacional de raiz, nos exemplos:

- a) *O avião sobrevoa a cidade.*
- b) *O avião voa sobre a cidade.*

Sobre- e *sobre* são entradas lexicais diferentes. *Sobre-* é uma forma presa (prefixo), e *sobre* é uma forma dependente. Trata-se, portanto, de itens lexicais distintos, que apresentam funções diferentes. Palavras que apresentam funções distintas são palavras diferentes. É o que ocorre com qualquer forma lingüística.

Noutros casos em que não há formas homônimas, como as com os prefixos *in-*, *des-*, *re-*, é mais fácil negar composição, a não ser que procedamos como Macambira (1978), que opera uma conversão sintático-semântica: *infelicidade/não-felicidade*. Com esse argumento, *-eiro*, de *cinzeiro*, é elemento de composição, pois a forma *-eiro* se desdobra em "recipiente". Existem, todavia, casos-limite, sobre os quais discorreremos quando estivermos tratando dos pseudoprefixos.

2.3.3 Prefixóides

O prefixóide ou pseudoprefixo, como o próprio nome já indica, apenas assemelha-se a um prefixo, mas não pode ser verdadeiramente considerado como tal. Possui semelhanças e diferenças com o prefixo. O pseudoprefixo assemelha-se a um prefixo, por exemplo, quanto à sua anteposição em relação à base livre. Por outro lado, difere do afixo, entre outros fatores, quanto à pauta acentual, quanto à origem e quanto à própria distribuição em algumas situações.

Mas o problema não é tão simples assim. Primeiramente, não existe sequer um consenso quanto à existência dos pseudoprefixos. Há quem adote essa noção,

mas há também quem prefira classificar tais entidades como simples radicais ou algo equivalente. Em segundo lugar, mesmo entre aqueles que admitem sua existência, não há univocidade em torno do conceito de prefixóide, o que o torna ainda menos claro. Contudo, a discussão se faz necessária uma vez que dela depende a conceituação clara de outros elementos, como os prefixos e os sufixos.

Rocha (1999) conceitua o prefixóide como um prefixo que aparece em uma só palavra. É um falso prefixo pelo fato de ser irrecorrente. O autor segue a cartilha de Bloomfield (1933) para a denominação *prefixóide*, à semelhança de *basóide* e *sufixóide*.

É mantida para os prefixóides a mesma noção de homofonia válida para os prefixos. Há prefixóides homófonos, portanto, como em *contracheque*, *contrabaixo* e *contradança*, porque o elemento *contra* assume um sentido diferente para cada uma das palavras.

Os critérios, como já assinalado, são diversos. A cronologia, por exemplo, foi o critério escolhido por autores como Li Ching (1973) e Iorgu e Manoliu (1980: 44-9). Prefixos seriam distintos dos prefixóides pelo fato de estes serem de introdução recente na língua, por via científico-tecnológica. Outro parâmetro adotado ainda pelos mesmos autores é o da produtividade, sendo esta avaliada em termos numéricos.

Os pseudoprefixos, segundo Li Ching (1973), seriam elementos originariamente greco-latinos, de introdução recente na língua, mediante condicionamentos de ordem científica e tecnológica, especialmente a partir do século XIX. Por isso, os prefixóides obtêm ampla difusão, garantindo-lhes maior rendimento se comparados aos prefixos.

Uma caracterização em termos muito semelhantes é encontrada em Iorgu e Manoliu (1980). Para os lingüistas romenos, os prefixóides também se distinguem cronologicamente dos prefixos. Aqueles, de procedência grega ou latina, são de introdução relativamente recente, apresentam caráter culto e neológico e são

usados para cunhar termos técnicos e científicos. Cumpre destacar, entretanto, que Iorgu e Manoliu, ao contrário de Li Ching, não detectam aí sinais de vitalidade dos prefixóides em relação aos prefixos.

Os lingüistas romenos aduzem ainda três outros parâmetros, um de natureza semântica e dois de natureza formal. Aquele sustenta que os prefixóides, em comparação aos prefixos, apresentam uma maior estabilidade semântica. Como critérios formais, Iorgu e Manoliu (1980: 48) propõem:

- a) a mobilidade distribucional: a partícula *filo*, por exemplo, pode ocupar a primeira ou a última posição no vocábulo, como em *filogermânico/germanófilo*;
- b) a correspondência entre elemento truncado e elemento pleno, como *tecno* e *técnico* em *tecnocracia* e *eletrotécnico*.

A fronteira entre a derivação e a composição mostra-se tênue também no segundo critério de Iorgu e Manoliu. O critério da correspondência entre forma truncada e forma plena parece não se mostrar suficientemente eficaz nem mesmo para os seus próprios autores. Ora defendem que as formações de que participam elementos como *electro-* e *tecno* (romeno *electro* e *techno*), são antes compostas que derivadas, ora defendem uma classificação intermediária entre a derivação e a composição.

Duarte (2001), citando Bessa (1986: 96), prefere classificar termos como *eletro-* e *tecno-* como radicais, porque há geração de formas com *térmico*, *elétrico* e *técnico*, e porque considera que nem sempre ocorre a relação entre forma reduzida e forma plena, a exemplo de formações como *filósofo* / *francófilo*, *fotógrafo* / *aerofoto*⁶.

Por outro viés, Sandmann (1989: 105-15) define prefixóide em termos da correspondência material entre forma livre e forma presa e da diferença

⁶ Para detalhes complementares a este respeito, consulte-se Mateus et al. (1990), que, além de mencionar a mobilidade distribucional, aludem à combinação dos elementos de composição, o que não acontece entre afixos.

distribucional entre uma forma e outra, como em *sobre*, preposição (voar *sobre* a cidade), e *sobre*, elemento prefixador (*sobrevoar*).

Por outro lado, o autor acrescenta a esse critério o da formação em série, ou critério da produtividade, sem, contudo adotá-lo de maneira indiscriminada, mas levando em consideração também aspectos gramaticais e semânticos no momento de caracterizar os prefixóides.

Quanto à proposta de Sandmann, Duarte (1999) observa ainda que:

o critério de Sandmann conduz, todavia, a um impasse. Fica difícil por meio dele explicar formações como *videomania* e *cafeicultura*, em que um nome precede um outro nome. Notemos que *video* e *café* não são considerados prefixóides, apesar da distribuição diferente em relação às mesmas formas, enquanto elementos de ocorrência isolada (1999: 108).

Outro critério para delimitar os prefixóides encontra-se em Carvalho (1974). Trata-se do critério fonológico, segundo o qual o fator de distinção a ser considerado é a pauta acentual. A existência de um acento primário e outro secundário nas formações lexicais permite a diferenciação, devido ao forte grau de acentuação dos elementos que o constituem. Ou seja, o acento presente nos elementos iniciais se apresenta com tal independência que é gerado um padrão acentual equivalente ao de um sintagma fônico.

Diante do exposto, concordamos com Duarte (2001), ao constatar que o melhor parâmetro é o de Carvalho (1974), devido a sua maior tangibilidade em relação aos parâmetros vistos anteriormente.

Duarte (2001) ainda acresce outro fator: a braquissemia, que consiste no uso condensado de palavras, como *pré* em lugar de *pré-vestibular*, *intra* e *inter*, em vez de *intrapartidário* e *interpartidário*.

Segundo o autor, por meio desse fenômeno, é possível distinguir elementos mórficos, como *hiper* e *multi*, de verdadeiros prefixos, como *in-* e *des-*. O fenômeno também realça uma qualidade dos prefixóides que os aproxima das palavras: a pauta acentual 2. Daí advém a autonomia dessas entidades, que, por vezes, chegam a confundir os falantes, quando empregam os prefixóides próximos às bases separados destas por espaços em branco.

A semelhança entre pseudoprefixos e palavras ainda vai além dessa autonomia fonológica. Braquissesmia e conversão substantival, parcial ou total, são fenômenos correlacionados. Por meio da substantivação, o elemento braquissêmico torna-se sintaticamente equivalente a um substantivo. Essa equivalência pode estender-se, aliás, a certos padrões morfológicos, como a flexão e a recomposição.

A propósito, Alves (1990: 26) mostra que os elementos braquissêmicamente utilizados favorecem ainda formações novas.

Outro tipo de braquissesmia com a qual o prefixóide pode estar relacionado é a braquissesmia motivada pelo contexto, isto é, aquela em que se subtrai a base, para evitar repeti-la, já que ocorre no vocábulo seguinte.

Esse tipo de braquissesmia das formações com prefixóides aproxima-se de formações em *mente*: *esplêndida e maravilhosamente*.

Duarte (2001) em arremate à posição de Alves, pondera:

em suma, no estudo da braquissesmia que envolve os prefixóides, deve-se levar em conta os ambientes destes: pré-substantival no primeiro tipo de braquissesmia; pré-substantival ou pré-adjetival, no segundo tipo, o de natureza contextual. É importante também destacar o aspecto fonológico, a exemplo de Carvalho (1974: 554), para alguns elementos prefixados, que ostentam um acento secundário, do qual resulta um esquema acentual análogo ao dos sintagmas fônicos (2001: 112).

Como conclusão de todo o supra-exposto:

- a) Parâmetros apoiados na cronologia são extralingüísticos e, por isso mesmo, estruturalmente insustentáveis.
- b) De natureza igualmente externa à língua, temos o critério da produtividade, a respeito do qual Bessa (1986) comenta:

o critério da produtividade, em nosso entendimento, se presta, por exemplo, para aferir a vitalidade das regras de formação de palavras, sendo essa vitalidade refletida pela freqüência dos elementos formativos nos outputs das regras. Adotando-se o critério da produtividade, poderíamos, igualmente, dizer que o elemento porta-, em porta-bandeira, se comporta como prefixo, porque recorre em um número razoável de palavras do mesmo tipo. Esse exemplo poderá parecer absurdo, como para nós, parece absurdo aferir a natureza lexical de um elemento por sua produtividade, mas serve para evidenciar a inadequação de um critério, que revela características exteriores às propriedades estruturais dos elementos lingüísticos (1986: 225).

O mesmo autor ainda destaca a insuficiência e, por vezes, a impropriedade da adoção exclusiva desse critério para a determinação da natureza lexical de um elemento. A desconsideração completa da distribuição desse elemento em contextos variados gera distorções no momento de classificá-lo.

Gostaríamos de lembrar aqui que a validade da demonstração empírica do critério da produtividade é questionável. Se contrastarmos a lista de pseudoprefixos coligida por Li Ching e a por Iorgu e Manoliu, verificaremos que há divergências quanto à produtividade de um mesmo prefixóide, a exemplo de *auto-*, *multi-*, *poli-*, *pseudo-*, *semi-* e *tri-*.

- c) O critério de Sandmann não será adotado porque levaria itens de composição a serem tratados como pseudoprefixos. Ademais se baseia em critérios de produtividade, sob a rubrica produção em série.

- d) O critério de Carvalho (1974), baseado na pauta acentual 2 dos pseudoprefixos tem validade para nós, considerando o ambiente pré-substantival e pré-adjetival dos mesmos. Isto é o de essencial. A braquissemia, que não é fácil de ser testada sempre, fica como critério auxiliar.

2.3.4 Prefixos e transcategorização

Quando falamos dos processos de formação de palavras, por vezes, deparamo-nos com a mudança de classe gramatical de alguns elementos. Identificamos esse fenômeno como uma das funções da formação de palavras. Assim, devido à necessidade de se criar, por exemplo, um substantivo a partir de um verbo já existente na língua, é que surgem certas criações espontâneas.

Esse fenômeno de transcategorização é mais característico da derivação sufixal. Dessa função de mudança categorial advém, segundo o ponto de vista de Rocha, a riqueza e a complexidade desse processo em relação a outros, como a derivação prefixal, por exemplo.

Por outro lado, apesar de o comum em português, assim como na grande maioria das línguas, ser o acréscimo de um prefixo a uma base sem que haja mudança categorial, há formações prefixais que fogem à regra. Há prefixações consagradas em língua portuguesa, em que o acréscimo do prefixo carrega uma transposição de categoria lexical. Rocha (1999) cita os exemplos *demente* (de + mente), *inglório* (in + glória), *imberbe* (im + barba), *disforme* (dis + forma), *prefixo* (pre + fixo), *inúmeros* (in + números) etc. O mecanismo dessas formações é, porém, mal explicado sincronicamente, porque há troca de vogal final, como em *inglório* e *disforme*, isto sem falar da variação *berb-* de *barb(a)*.

Alves (1990: 23-25) chega ainda a mencionar alguns exemplos de formações novas ou recentes em que ocorre a transcategorização:

...ele [o carro] vem da fábrica de acordo com as normas antipoluição exigidas na Europa.

Já está sendo comercializada por alguns veterinários a primeira coleira antipulgas ultra-sonora fabricada no Brasil...

Um acontecimento extrapauta concentra as atenções dos bispos...

Nos comícios pré-plebiscito, (...) ele compareceu cuidadosamente vestido com sua indumentária civil...

Chegando-se ao cúmulo de divulgar notícias pós-pacto que na realidade não existiram.

Se analisarmos essas formações prefixais, verificaremos que a transcategorização não é completa, não é total, uma vez que os novos itens rejeitam determinadas características adjetivais, passando a assumir apenas algumas delas. Eles funcionam sim como adjetivos, mas a concordância que deveria haver entre substantivo e adjetivo não se faz presente. Chamamos à atenção para o fato de que a transcategorização se dá sintagmaticamente, não paradigmaticamente.

2.3.5 Prefixos homófonos

Existem prefixos que são fonologicamente idênticos, mas distintos no nível semântico. São os chamados prefixos homófonos. Damos como exemplos:

a) *re* – idéia de repetição

reler, rever, reinventar, refazer, reabrir etc.

re – idéia de movimento para trás

regredir, recuar, regressar, retrain etc.

re – sentido de movimento contrário

reagir, revidar, retorquir, retrucar, rebater, repelir, rechaçar, rebelar etc.

Sirvam ainda de exemplos de prefixos homófonos os seguintes:

b) *de* – negação

decrecer, decompor, decodificar, deformar etc.

de - movimento de cima para baixo

decair, demolir, decapitar, declinar, declive, dependurar etc.

c) *in* – negação

infeliz, injusto, irreal, imaturo etc.

in – movimento para dentro

ingerir, imigrar, imergir etc.

d) *a* – privação, negação

acéfalo, ateu, amoral, anarquia, aético etc.

a – prefixo vazio

adoçar, abeirar, abocanhar, acercar-se, associar, abordar, aclamar, acumular etc.

Em língua portuguesa, os prefixos homófonos são itens lexicais distintos. Não é o caso de se falar em uma polissemia⁷.

2.3.6 Prefixos concorrentes

Define-se a concorrência entre elementos lingüísticos nos seguintes termos:

dá-se a concorrência entre elementos lingüísticos, quando esses elementos podem ocupar o mesmo lugar em determinada estrutura da língua. A rigor, não há prefixos concorrentes, mas regras concorrentes (Rocha, 1999: 165).

Na nominalização *stricto sensu*, ou seja, na formação de substantivos a partir de verbos, os sufixos *-mento* e *-ção* entram em concorrência, como nos exemplos:

a) *patrulhar / patrulhamento*

sucatear / sucateamento

apoiar / apoimento

detalhar / detalhamento

⁷ Sobre a distinção entre polissemia e homonímia, indicamos Rocha (1999) e Barbosa (1981).

- b) *agitar / agitação*
argumentar / argumentação
captar / captação
efetuar / efetuação

Há prefixos concorrentes nos quadros de correspondência entre prefixos gregos e latinos comumente apresentados em gramáticas tradicionais. Assim, tais quadros estariam apresentando, sincronicamente, listas de prefixos concorrentes. Os exemplos abaixo foram extraídos em sua maior parte de Lima (1972: 180). Em tais listas, encontram-se exemplos que não seguem a correspondência grego/latim. Esse fato leva-nos à conclusão de que, semelhantemente ao caso dos sufixos concorrentes, os prefixos só serão concorrentes se as bases pertencerem às mesmas categorias lexicais.

Eis, entre outros, os aspectos semânticos concorrentes:

- a) privação, negação: a- (an-) / des-
acéfalo, anarquia, ateu / desprazer, desunião, destempero
- b) negação, sentido contrário: des- / in-(i-)
desleal, desnecessário / infiel, ilegal
- c) oposição: anti-, contra-
antifurto, antídoto / contraveneno, contramão
- d) movimento para dentro: in-(em-) / intro-
ingerir, importar, embarcar, enterrar / introduzir, intrometer
- e) posição inferior: sub- / hipo-
subsolo, subloja, subemprego / hipotensão, hipoderme
- f) posição superior: super- / epi-
super-homem, superposição / epiderme, epígrafe
- g) ao lado de: para-, ad-
paranormal, paralitúrgico / adnominal, adjacente
- h) em torno de: peri-, circum-
perífrase, perímetro / circunlóquio, circunavegação

2.4 *Prefixação e Sufixação*

2.4.1 A proposta de Câmara Jr.

Na presente seção, discorreremos acerca dos dois principais processos de derivação em língua portuguesa, a prefixação e a sufixação. Para tanto, buscaremos refazer o caminho teórico percorrido por Câmara Jr. acerca do assunto. A pedra de toque de sua "teoria" reside no conceito de semantema, uma noção originalmente proposta pelo lingüista francês Vendryès (1950). Câmara Jr., em seu *Dicionário de Lingüística e Gramática* (2001, s.v. *semantema*), assim define o semantema: “elemento formal que simboliza na língua o ambiente biossocial em que ela funciona”. As aplicações desses elementos encontram-se intimamente relacionadas com os variados tipos de morfemas lexicais, “cuja adjunção à raiz cria novas palavras, especializando ou ampliando o valor do semantema”, constituindo o processo de derivação. Esses morfemas lexicais, por sua vez, são fundamentalmente, em língua portuguesa, “segmentos fônicos que se seguem à raiz, isto é, sufixos”. Além da adjunção de um morfema lexical ao final da raiz, sabemos que “o semantema também multiplica as suas aplicações pela combinação com outra palavra ou partícula, o que dá, em vez da palavra derivada, a palavra composta”. Isto será importante quando estivermos falando da prefixação como modalidade da composição vocabular, posição defendida pelo autor.

Combinado com esse conceito, Câmara Jr. utiliza também o de morfema. Este, de acordo com o verbete do *Dicionário de Lingüística e Gramática* (2001, s.v. *morfema*), é o “elemento formal que se combina com o semantema, constituindo um mecanismo gramatical por meio do qual o semantema passa a funcionar na comunicação lingüística”. Sabemos *a posteriori* que o conceito de morfema se aplica aos morfemas categoriais, classificatórios e aos sufixos. Dizemos *a posteriori* porque a definição é vaga demais para sabermos o que de fato abrange.

Os dois termos, semantema e morfema, guardam relação com os dois tipos de significação adotados pelo lingüista: a lexical, ou seja, uma significação externa à palavra, que aponta para o mundo exterior ou interior do falante e a gramatical, que somente existe inserida em um sistema lingüístico.

Em suma, de acordo com Câmara Jr. (1969: 100), os sufixos dividem-se em dois subgrupos: 1) sufixos lexicais e 2) sufixos flexionais. A função do primeiro grupo reside em caracterizar “a categoria lexical do vocábulo em que entram e cujo semantema foi por eles *derivado*”. Já o papel do segundo grupo é flexionar um vocábulo, “adaptando-o à expressão de categorias gramaticais que a sua classe admite”. Assim, “os sufixos lexicais criam novas palavras, ditas derivadas, ao passo que os flexionais ‘fletem’ ou ‘dobram’, uma palavra para uma aplicação particular, estabelecendo um quadro de variações vocabulares, chamado paradigma” (1969: 100).

No que tange aos prefixos, Câmara Jr. (1969: 102, 2001, s.v. *prefixo*) afirma que são variantes de preposições sob o aspecto de formas presas, que, ao se associarem a um semantema, adicionam-lhe idéia subsidiária, criando uma significação nova. Daí o teórico sair em defesa de um antigo posicionamento encontradiço em antigas gramáticas, que consistia em estudar prefixos e sufixos separadamente, considerando os primeiros como “elementos de composição”. Câmara Jr. acata essa interpretação e refuta a inclusão da prefixação entre os processos de derivação. Em suma, os prefixos, salvo nos derivados parassintéticos, alteram fundamentalmente a significação do semantema, além de corresponderem a vocábulos, no caso as preposições, das quais constituem variantes presas.

2.4.2 A proposta de Sandmann

Em comparação com Câmara Jr. (1969), Sandmann (1991) serve-se de um maior número de critérios para diferenciar prefixos de sufixos, desde tradicionais critérios de posição em relação à base até o que ele chama de funções sintáticas dos afixos. Todavia, o critério central proposto por Sandmann acaba sendo a transcategorização, isto é, a capacidade que os afixos possuem, ou não, de mudar a classe ou a subclasse de uma categoria. Conforme veremos logo mais adiante, se o afixo modifica a classe ou subclasse de uma categoria, isto significa dizer que ele é o elemento determinado em relação a essa base e, portanto, deve ser classificado como um sufixo.

Muito mais importante do que a diferença quanto à posição antes ou depois da base, Sandmann ressalta uma diferença sintática entre prefixos e sufixos:

o prefixo se identifica mais com os adjetivos (*superpacote*) e com os advérbios (*hiperativo*) e preposições (*antianúncio*), enquanto o sufixo – exceto o de grau, que também tem claramente função adjetiva (*pacotaço*) ou de advérbio (*pertinho = bem perto*) – tem funções muito variadas (1991:70-1).

Neste ponto, o autor cita o caso do sufixo *-eiro*, que pode assumir funções diversificadas, como se verifica facilmente na análise da semântica das seguintes ocorrências *marmeleiro, verdureiro, violeiro, bagunceiro*.

Dando um passo além da proposta de Câmara Jr., na diferenciação entre prefixos e sufixos, Sandmann privilegia aspectos estruturais ou sintático-semânticos:

o prefixo é sempre o DT, o determinante, o adjunto ou elemento subordinado ou secundário da estrutura vocabular: *oficial / não oficial, reformista / ultra-reformista, injeção / reinjeção, empossado / recém-empossado* (1991: 71).

O sufixo, por sua vez, é sempre DM, o determinado, o núcleo ou o elemento principal ou subordinante, porque ele transfere normalmente a palavra-base para outra classe de palavras ou para outra subcategoria da mesma classe de palavras. Tal ocorre porque

... na sufixação, excetuando o morfema de grau, que também é DT (*mercado, mercadinho*), o sufixo é DM, isto é, o núcleo, porque lhe cabe a função de mudar a classe ou subclasse da base: em *psicodelismo*, por exemplo, *-ismo*, substituindo o *-ico* de *psicodélico*, muda um adjetivo em substantivo (1997: 40).

A exceção, pois, é aberta para o morfema de grau, segundo ele, um adjunto ou determinante da palavra complexa, que, devido a sua natureza adjetiva ou

adverbial, também são dotados de função secundária – *folgado / folgadérrimo* (1991:72).

Note-se que a transcategorização, na visão de Sandmann, não necessariamente tem que ser de uma classe morfológica para outra, pode ser também entre subclasses. Temos um exemplo em *marmeleiro*, cujo sufixo *-eiro*, apesar de não transcategorizar o substantivo *marmelo*, “faz da fruta uma árvore, mudando, portanto, a subclasse da palavra” (1991: 72). O autor, porém, faz questão de deixar claro que “o sufixo não exaure sua função na mudança de classe ou subclasse da palavra”. Há que se considerar aspectos semânticos envolvidos, que, às vezes, sobrepõem-se ao sintático.

Para Sandmann, a função e o resultado que os afixos provocam constituem fatores igualmente decisivos na distinção entre prefixos e sufixos. Dessa forma, enquanto

os prefixos se unem a um radical como adjuntos, adnominais (*minissaia*) ou adverbiais (*retornar*), constituindo o determinante da palavra complexa produzida e não mudando a classe de palavras da base, os sufixos, em contrapartida, mudam, com exceção dos sufixos aumentativos e diminutivos, a classe de palavras da base (mediante o adjetivo *belo* + sufixo *-eza*, por exemplo, se forma o substantivo *beleza*), ou se forma com eles uma outra palavra da mesma classe de palavras: com o substantivo *matriz* + sufixo *-aria* se forma um outro substantivo (*matrizaria*). *Matriz* e *matrizaria* pertencem a classes referenciais diferentes. Mudando a classe de palavras ou a subcategoria da classe de palavras, o sufixo se constitui no determinado do produto da formação de palavras: *pêra* – *pereira* (*per-* (determinante) e *-eira* (determinado)) (1989: 11).

Em conclusão, Sandmann diz que as diferenças principais entre prefixação e sufixação residem no fato de que “prefixação tem função primordialmente semântica e a sufixação principalmente sintática, sendo que o sufixo, por outro lado, excetuando o de grau, constitui o núcleo da palavra complexa produzida, e o prefixo, o adjunto” (1997: 40).

Acerca do tratamento conferido pela gramaticologia portuguesa aos afixos, Sandmann (1991: 30) critica a opinião difundida de que os afixos, principalmente os sufixos, sejam elementos semanticamente mais vazios do que, por exemplo, radicais. Essa opinião é partilhada, por exemplo, por Bechara (1969: 206), que chega a afirmar que os prefixos têm mais força significativa do que os sufixos, bem como por Lima (1972: 180), para quem os sufixos são “vazios de significação” e “têm por finalidade formar séries de palavras da mesma classe gramatical”.

Diante de tais afirmações, pondera o autor:

os sufixos não são vazios de significado (...) nem são mais vazios de significado do que os prefixos e (...) correspondem até semanticamente muitas vezes a lexemas: *violeiro*, uma derivação sufixal, corresponde semanticamente ao grupo sintático tocador de viola (a correspondência alemã, como em *Pianist* “pianista” e *Klavierspieler* “pianista, tocador de piano”, é a derivação sufixal *Gitarrist* e o composto *Gitarrenspieler*) (1989: 30-31).

2.4.3 Objeções às propostas

A oposição entre prefixos e sufixos nos termos em que Câmara Jr. (1969) a coloca demanda ressalvas. Em primeiro lugar, a visão do prefixo como “uma variante presa das formas dependentes chamadas de preposição” carece de melhor fundamentação. A inclusão dos prefixos na classe das preposições, como simples variações destas, mostra que o autor ignora a diferença de privilégios de ocorrência entre preposições e prefixos formalmente correspondentes a elas. Diga-se de passagem, que há prefixos como *in-*, *des-* e *re-* que sequer apresentam tal correspondência material. Por outro lado, afirmar que um prefixo tem valor semantemático e corresponde a morfemas de relação é uma incoerência grave.

Em segundo lugar, é problemática a idéia de que os prefixos acrescentam significações externas ao semantema a que se adjungem, simplesmente porque Câmara Jr. não dá condições para uma compreensão clara do que seja esta “nova significação externa”. Conseqüentemente, julgamos acertado concluir,

contrariamente ao autor, que a prefixação não constitui modalidade de composição vocabular.

É discutível, por fim, diante de exemplos como *-eiro* em *cinzeiro* e *abacateiro*, ou em *-ada* com *garrafada* e *abacatada*, aceitar que os sufixos representam “idéias acessórias”.

O critério adotado por Sandmann, como vemos é de base semântica, gramatical e estatística. A propósito do primeiro item, Duarte (1999) observa que

admitir que *re-* ou *pre-*, em *rever* e *prever*, por exemplo, assume função (que é da sintaxe) de adjuntos adverbiais, só faz sentido se, ao procedermos à conversão sintática, verificarmos a equivalência no plano do conteúdo. As mesmas formas podem inclusive assumir valores distintos, conforme sua ocorrência em outros contextos: *re-*, em *releitura*, significa “nova”; *pré-*, em *pré-estréia*, significa “anterior”. Em recorrendo ao plano do conteúdo, podemos dizer que o sufixo de grau, presente em *bellíssimo*, também equivale a um adjunto adverbial de intensidade, no caso “muito”. Seu valor semântico equivale inclusive ao de prefixos intensivos, como *super-*, em *superbelo*.

As noções de determinado e determinante deixam de ser gramaticais e passam a ser semânticas. De um prisma nocional, em *desejoso*, a idéia principal se sediaria no sufixo e não no radical. Morficamente, contudo, em qualquer caso, o determinado coincide com o radical primário ou raiz (1999: 74-75).

Prefixos e sufixos não podem ser diferenciados simplesmente em termos de transcategorização ou não de elementos, tal como sugere Sandmann, uma vez que existem certos sufixos que não transcategorizam. Existem sufixos não transcategorizadores, que não apenas os de grau, a exemplos de *-edo*, em *arvoredo*, *-ado*, em *mestrado* e *consulado*. Ainda de acordo com Duarte,

o modo de conduzir a argumentação é confuso, uma vez que opõe classe, conceito gramatical, a subclasse, conceito de ordem semântica. É notório que a classe permanece a mesma em ambos os casos, tanto na base derivante quanto na base derivada. Seria bom saber como o conceito de

subclasse explicaria formações do tipo *livraria*, *arvoredo*, *consulado*, *sapateiro*. Não se trata de exceções quaisquer, mas de casos que devem ser considerados, devido a sua extensão (1999: 76).

Repassando as idéias dos dois lingüistas expostas nesta parte do trabalho, vimos que os processos de prefixação e de sufixação podem ser diferenciados segundo critérios diversificados. Ambas as propostas falham em alguns pontos.

A proposta de Sandmann apóia-se na qualidade transcategorizadora de que alguns sufixos são dotados. Sandmann, simplesmente, generaliza essa qualidade e pauta-se por ela para efeitos de distinção entre prefixos e sufixos e apóia-se na distinção entre determinado e determinante, conceitos aplicáveis, respectivamente, aos sufixos e prefixos, ressalva feita aos morfemas de grau.

A nosso ver, há prefixos derivacionais, como *in-* (*infeliz*) e *des-* (*desleal*). Outros constituem fronteira entre palavras, palavra fonológica, como os prefixóides *pré-* (*pré-vestibular*) e *hiper-* (*hipercorreção*). Caracterizam-se pelo acento 2 e pela possibilidade de a palavra em que ocorrem ostentar braquissímbio. Em geral, no plano paradigmático, não mudam a classe do vocábulo.

Já os sufixos podem ser transcategorizadores ou não, a exemplo de *casamento* e *mesinha*. Podem ter significado lexical, como em *cinzeiro* ou apenas significado gramatical, servindo apenas para a mudança de classe, como em *cassação* e *teatral*.

Em suma, diferenças distribucionais à parte, já tratadas na operacionalidade do conceito de raiz, a diferença entre os dois afixos não pode ser posta em termos absolutos.

3 ANÁLISE DO CORPUS

3.1 Do corpus: caracterização e diretrizes de análise

Não cobriremos todo o domínio referido por Krieger (2000) na análise da terminologia. Interessa-nos somente evidenciá-la como estrutura morfológica de língua, não obstante a influência do registro, ou seja, reconhecemos que certos afixos iniciais⁸ se restringem à terminologia científica, em particular à nomenclatura farmacêutica.

Conforme estabelecemos alhures, escolhemos como *corpus* o BPR – Guia de Remédios, uma publicação mais acessível ao grande público, por apresentar linguagem menos especializada, e o DEF (Dicionário de Especialidades Farmacêuticas), um manual de uso reservado aos fármacos e profissionais da área da saúde, com um número bem maior de exemplos. A diferença essencial, portanto, reside no público diferenciado a que se destina cada obra. O resultado total das formações, entre prefixos e prefixóides, presentes nos dois bulários consultados, chega a 1.573 ocorrências.

É preciso ainda mencionar o uso complementar de valores semânticos que fizemos, baseados na proposta de Vilela (1994) adjungida à de Pereira (1983). Para o segundo autor, a prefixação é um processo de formação de palavras que abrange a noção de campos semânticos. Campo semântico é justamente aquela zona de significados dentro da qual o prefixo se move, de acordo com a situação comunicativa em que se encontra. Assim, um prefixo como *des-* flutua dentro de certo campo semântico, abrangendo noções que vão desde a 'negação' até 'o contrário de'. Tais significados, aliás, precisam ser compatíveis, não podem divergir excessivamente entre si. Ou seja, dentro de um campo, abrigamos os afixos concorrentes. Cada um dos prefixos homófonos será considerado distintamente, cada um comporá um grupo semântico próprio.

⁸ Os termos *afixos iniciais*, *morfemas iniciais* e mesmo *prefixo*, aqui em nosso trabalho, por comodidade, se aplicam tanto aos prefixos derivacionais de natureza átona, quanto aos pseudoprefixos ou prefixóides.

Inicialmente, o sentido, ou valor semântico, seria analisado de acordo com a proposta de Pereira (1983), que agrupa determinado número de prefixos correspondendo a sete valores semânticos (espacialidade e temporalidade estão agrupados como um só valor).

O quadro apresentado por Pereira (1983: 77) é o seguinte:

Quadro 1 – Os prefixos e seus valores semânticos

PREFIXOS	VALOR SEMÂNTICO
<i>A(n)-, des-, in-</i>	Negação
<i>Anti-</i>	Oposição
<i>Pro-</i>	Favorecimento
<i>Extra-, maxi-, micro-, mini-, re-, semi-, sobre-, sub, super-</i>	Intensidade
<i>Bi-, mono-, multi-, poli-, tri-</i>	Quantificação
<i>Co-, inter-, pós-, pré-, retro-, trans-</i>	Espacialidade/Temporalidade
<i>Auto-</i>	Inerência (ação ou movimento próprio)

Esse quadro não abrangia, porém, a variedade de elementos prefixados ora analisados, bem maior do que os casos citados. Buscando superar essas limitações, complementamos a proposta de Pereira (1983) com a de Vilela (1994: 65-110). Deste, aproveitamos a ordenação dos derivados prefixais feita segundo a relação categoria ponto de partida e ponto de chegada. Assim, temos, adaptadamente:

Quadro 2 – Os valores semânticos e seus afixos

AFIXOS (EXEMPLOS)	VALORES SEMÂNTICOS
<i>Sub-, hipo-, infra-, sobre-, supra-, ecto-, extra-, endo-, intra-, entre-, inter-, ante-, pré-, pró-, circum-, peri-, dia-, trans-, pós-</i>	Espacialidade
<i>Ante-, pré-, pós-, recém-, sin-</i>	Temporalidade
<i>Anti-, contra-, a-, des-, in-, dis-, não-</i>	Negação / oposição

<p><i>Pro-</i></p> <p><i>Extra-, hiper-, hipo-, iso, macro-, micro-, mono-, multi-, oligo-, pan-, para-, pluri-, poli-, semi-, sobre, sub-, super-, taqui-, ultra-</i></p> <p><i>Re-</i></p> <p><i>Alo-, auto-, co- (e variante com-), dis-, mal-, neo-, orto-, pseudo</i></p>	<p>Favorecimento</p> <p>Quantificação</p> <p>Repetição</p> <p>Outros</p>
--	--

Pretendemos, pois, estudar:

- as formações prefixais mais encontradas na linguagem científica;
- os contextos vocabulares mais frequentes em que eles ocorrem;
- o tipo de base mais ocorrente;
- entre afixos iniciais concorrentes, qual o predominante quantitativamente;
- qual a unidade mais ocorrente: prefixos ou prefixóides?.

Contudo, não foi objetivo nosso tão-somente aferir a produtividade desses morfemas iniciais. Portanto, sempre que nos pareceu necessário, complementamos a análise, tecendo considerações que não de ordem estatística.

Consideramos a noção de base de maneira a preservar os constituintes imediatos. Fica claro que agrupamos os afixos concorrentes em um mesmo lugar, separados, pois, dos homófonos.

Cabem aqui algumas últimas observações. Tomaremos como referência Houaiss (2001) para registrar ou não uma dada forma. Não serão mencionadas aqui as dicionarizadas. Quando o conjunto de exemplos for muito extenso, citaremos apenas alguns casos (a exemplo do que ocorreu com *hiper-* e *não-*).

3.2 Prefixos que exprimem espacialidade

Os morfemas que carregam o sentido de espacialidade compõem aproximadamente 14,6% do total colhido no *corpus*, ou seja, 230 formações de 1.573 exemplos coletados. Dentro desse grupo, destacam-se as formações deadjetivais, seguidas pelas dessubstantivais, conforme a tabela abaixo.

Tabela 1. Contexto

CONTEXTO	FREQUENCIA	PORCENTAGEM
Adjetival	153	66,5%
Substantival	68	29,6%
Verbal	9	3,9%
TOTAL	230	100,0%

Fonte: Pesquisa direta.

Obtivemos como os de maior vitalidade *intra-*, *peri-* e *trans-*, respectivamente com 37, 19 e 18 formações, entre registradas e não-registradas em Houaiss (2001).

Quanto à frequência e à percentagem, o tipo de base mostrou-se assim:

Tabela 2. Tipo de base

BASE	FREQUENCIA	PORCENTAGEM
Livre	163	70,9%
Presa	67	29,1%
TOTAL	230	100,0%

Fonte: Pesquisa direta.

O cruzamento das duas variáveis aqui analisadas mostra o seguinte:

Tabela 3. Tipo de base x contexto

TIPO DE BASE	CONTEXTO			TOTAL
	Adjetival	Substantival	Verbal	
Livre	123	35	5	163
Presas	30	33	4	67
TOTAL	153	68	9	230

Fonte: Pesquisa direta.

A quantificação acima nos mostra que a combinação predominante é aquela do contexto pré-adjetival com bases livres. Já no contexto pré-verbal, em que o número de formações foi bastante reduzido, houve praticamente o mesmo número de formações com bases livres e com bases presas. É de chamar atenção, por outro lado, o que ocorre no contexto pré-substantival. Aí se dá uma inversão quanto ao tipo de base dominante. Ou seja, junto a substantivos, os prefixos indicativos de espacialidade unem-se, preferentemente, a bases presas, como os seguintes exemplos: *epífora*, *excipiente*, *incluir*, *mialgia*, *peristalse* e *transdução*, entre outros.

Em vez de comentar cada caso isoladamente, optamos por agrupá-los e comentar conjuntamente suas especificidades ao final da seção dedicada a cada grupo semântico.

Eis os constituintes que carregam a noção de espacialidade comentados: *endo-* / *intra-* / *in-*; *entre-* / *inter-*; *extra-*, *para-*, *per-* / *trans-*, *peri-*, *sub-* e *supra*.

3.2.1 *Endo-* / *intra-*

Endo- e *intra-* assumem o valor de “no interior” / “dentro de”. Embora concorrentes, *intra-* se mostrou superior em número de formações em relação a *endo-*. Foram apenas oito formações em *endo-* contra 37 de *intra-*.

Isto vai ao encontro da observação de Cunha (1987, s.v. *intra-*), segundo a qual, das duas formas, a que vigora é a de origem latina, ou seja, *intra-*.

Intra-, prioritariamente, anexa-se a adjetivos, fato plenamente confirmado pelas formações apresentadas no *corpus*:

➤ ADJETIVAIS

- ◆ Intramural
- ◆ intra-abdominal
- ◆ intra-amniótico
- ◆ intra-arterial
- ◆ intrabronquial
- ◆ intracavernoso
- ◆ intracirúrgico
- ◆ intracoronariano
- ◆ intracranial
- ◆ intra-espinhal/intraespinhal
- ◆ intragástrico
- ◆ intragluteal
- ◆ intralesional
- ◆ intraluminal
- ◆ intra-operatório
- ◆ intrapélvico
- ◆ intra-sinovial
- ◆ intratecal
- ◆ intratraqueal
- ◆ intravaginal
- ◆ intraventricular
- ◆ intracitoplasmático

O ambiente pré-adjetival como predominante da forma *intra-* confirmou-se em Ferreira (1986), que elenca, entre os derivados, número razoável de formações no domínio da linguagem científica. São termos da anatomia, tais como *intracraniano*, *intra-hepático*, *intranasal*, *intra-ocular*, *intra-oral*, *intratorácico*, *intravascular*, e da morfologia vegetal, como *intramarginal*, *intradilatado*, *intrapeciolar*.

No que tange a *endo-*, temos a registrar somente uma formação não acolhida em Houaiss (2001): *endorreduplicação*.

3.2.2 *Entre- / inter-*

Entre- é a forma vernácula da forma *inter-*, de origem latina. Dos dois, *inter-*, não obstante sua origem culta, exibe maior fecundidade na formação de derivados no atual estágio da língua portuguesa.

Quanto ao sentido, basicamente, trata-se do mesmo para ambos: “entre, no meio de”, e, subsidiariamente, “reciprocidade”. *Entre-* apresenta vários matizes semânticos que evocam a noção básica de “entre”: “em parte, um pouco (*entrecessar, entreabrir*)”, “reciprocidade (*entreabater-se, entrechocar-se*)”. A noção básica pode aparecer em substantivos: *entrenó, entrelinha, entressafra* (Duarte, 1999: 183).

O sema identificado no *corpus* para *inter-* é “entre, no meio de”, apesar de também assumir, dependendo da situação, o valor semântico derivado de “reciprocidade”. No *corpus*, apenas o primeiro valor semântico foi verificado.

Inter-, teoricamente, pode acrescentar-se a verbos, adjetivos e substantivos. Nosso *corpus* demonstrou uma predominância do contexto adjetival, com mais do que o dobro do número de formações em relação ao contexto pré-substantival. Foram quatro formações pré-substantivais contra nove pré-adjetivais e apenas duas pré-verbais.

Quando passamos a analisar as formações não registradas em Houaiss (2001), constatamos que a quantidade de formações novas foi muito reduzida. O material analisado não mostrou a esperada quantidade dominante de formações no ambiente pré-adjetival. Houve, sim, equilíbrio entre aquelas de base substantival e as de base pré-adjetival, conforme quadro abaixo:

➤ SUBSTANTIVAIS

- ◆ interleucina
- ◆ interneurônios
- ◆ interconversão

➤ ADJETIVAIS

- ◆ interindividual
- ◆ intermenstrual

Embora *inter-* ainda apresente a possibilidade de ligar-se a verbos, conforme vimos em duas ocorrências, não encontramos nenhuma ocorrência nova seguindo esse padrão.

3.2.3 *Extra- / ec-*

A forma *extra-* exprime a noção “fora de”. Trata-se de um afixo nominal, podendo agregar-se tanto a adjetivos, o que acontece com mais frequência, quanto a substantivos, como em *extra-empresa* (usado como adjetivo), exemplo encontrado por (Duarte, 1999: 174-175). Houaiss (2001) fornece ainda os seguintes exemplos: *extra-alcance*, *extracorrente*, *extradorso* (termo da arquitetura), *extraprograma*, *extra-sensorialidade*, *extra-sístole*, *extraterritorialidade*, *extrateto*.

Além desse valor semântico ligado à espacialidade, temos *extra-* também com um sentido de quantificação, ou intensidade, a exemplo de *extraforte*, registrado por Sandmann (1989: 19). *Extra-*, porém, parece esboçar uma deriva para o sentido de exterioridade em detrimento da de intensidade. Outra comprovação (que não pretendemos generalizar) de que há um paralelo entre o sentido e a frequência de um afixo.

Foram as seguintes as ocorrências em ambiente pré-adjetival (todas com bases livres):

➤ ADJETIVAIS

- ◆ extra-articular

- ♦ extracorporal
- ♦ extracerebral
- ♦ extraglandular
- ♦ extra-hipofisário
- ♦ extra-intestinal
- ♦ extrajuncional
- ♦ extra-ósseo
- ♦ extrapancreático
- ♦ extra-renal

De acordo com Houaiss (2001), *extra-* é um morfema que, embora culto, vem desenvolvendo paulatinamente sua fecundidade, maior do que a do seu antônimo *intra-*. O que o registro científico examinado por nós demonstrou, entretanto, vai de encontro ao que o dicionário afirma. Contra dezesseis exemplos colhidos com *extra-*, com o sentido de espacialidade, encontramos 37 formações com *intra-* também na grupo da espacialidade.

Encontramos ainda o prefixo de origem grega *ec-*, que também significa 'fora de'. Ocorreu somente uma ocorrência com esse prefixo: *ectópico*, não registrada em Houaiss (2001).

3.2.4 *Para-*

Cunha (1987) considera *para-*

elemento de composição, oriundo do grego *para*, 'ao lado de', 'da parte de ', que se documenta em numerosos compostos eruditos, alguns já formados no próprio grego (*parábase*, *paracêntese* etc.) e outros introduzidos na linguagem científica internacional a partir do século XIX (*parabiose*, *paracampo* etc.).

No *corpus* jornalístico de Sandmann (1989), apenas uma formação com o constituinte *para-* foi encontrada: *paradidático*. Já no *corpus* científico que

analisamos, a produtividade eleva-se consideravelmente. Encontramos vinte formações, das quais nove devem ser registradas aqui.

O contexto pré-substantival predominou entre as formações em geral com um total de doze exemplares contra oito pré-adjetivais. Nas formações novas, houve um equilíbrio: três pré-substantivais e duas pré-adjetivais.

➤ SUBSTANTIVAIS

- ◆ paralgesia
- ◆ paraparesia
- ◆ paroníria

➤ ADJETIVAIS

- ◆ paraminosalicílico
- ◆ paravascular

Seu potencial oponente, *justa-*, não teve acolhida, é de fraca produtividade. Em Duarte (1999), há pouquíssimas formações e já dicionarizadas.

3.2.5 *Per- / trans-*

O afixo *trans-*, "através de", apresentou dezoito formações, sendo cinco em contexto pré-substantival, doze em pré-adjetival e uma em ambiente pré-verbal. À exceção de *transdução* e *transitório*, todas as bases são livres.

Foram as seguintes as formações não registradas em Houaiss (2001):

➤ SUBSTANTIVAIS

- ◆ transmembrana
- ◆ transpeptidase
- ◆ transcápsula

➤ ADJETIVAIS

- ◆ transcutâneo
- ◆ transdérmico
- ◆ transluminal

- ♦ transplacentário
- ♦ transtimpânico

Ferreira (1986) e Houaiss (2001) atestam ainda um grande número de nomenclaturas científicas com a forma *trans-*: *translógica*, *transplanetário*, *transesterilização*, *transmemória*, *transaminação*, *transaminase*, *transpeptidase*, o que evidencia a prevalência do mesmo em ciência, obviamente.

Por outro lado, foram pouquíssimas as formações encontradas em nosso *corpus* com o constituinte *per-* (somente duas, *percutâneo* e *perfusão*), ambas já registradas em Houaiss (2001). Não obstante isso, trata-se de um afixo sobre o qual cabem alguns comentários.

O seu sentido é basicamente “através de”. Contudo a mesma forma pode expressar outros sentidos conforme Houaiss (2001), que diz, por exemplo, que em vernáculo o *per-* pode revestir as noções de: 1) movimento através de, travessia: *perambular*, *percorrer*, *percutâneo*, *perfurar*, *perspirar*; 2) duração, continuidade: *perene*, *pernoitar*, *perpétuo*, *pervigil*; 3) movimento do princípio ao fim: *perorar*, *perseguir*; 4) conclusão, complementação: *perfazer*, *permutar*, *perpetrar*; 5) movimento para todos os lados: *perquirir*, *perquisição*, *pervagar*; 6) desvio, morte, destruição: *pérfido*, *perjúro*, *perversão*, *perempto*; 7) reforço, aumento, intensidade: *persentir*, *perturbar*, *peramigo*, *persemelhante*; 8) formante de compostos químicos, exprimindo “o mais alto grau ou um excesso em relação à quantidade normal” do elemento de base do composto: *peroxidação*, *peroxidar*, *peróxido*, *persulfato*, *persulfureto*, *persulfúrico* etc.

Correspondendo à última noção apontada por Houaiss (2001), deparamo-nos com a formação *permanganato*, análoga a outras como *peróxido* e *perclorato*. Trata-se de construção da linguagem química, pois se tem a forma *per-* junto a uma base substantiva com valor intensivo, talvez por influência do latim: *peramator*, “o que ama muito”, *peralbus* “muito branco” (cf. Romanelli, 1964).

A propósito, vale ressaltar que, com esse mesmo valor, Ferreira (1986) registra dois casos inauditos: *perfolhear* e *pertentar*, que significam, respectivamente, “folhear atentamente” e “tentar de novo”. A esses exemplos acrescentaríamos outros colhidos por nós em Houaiss (2001): *percingir* (cingir ou abarcar com força); *persentir* (sentir no íntimo, de maneira profunda); *persolver* (solver integralmente, desobrigar-se de); *pertransir* (transir de maneira completa) e *pervencer* (vencer de maneira total). Como se observa, são todos casos, prioritariamente, de contextos pré-verbais.

É de se observar também a ausência de outro concorrente, *diá-*, que não se fez presente em novas formações.

3.2.6 *Peri-*

Referentemente ao contexto das formações novas, todas as que foram encontradas no *corpus* são pré-adjetivais, com o sentido de “em torno de”. Seu potencial concorrente, *circum-*, não se fez presente, o que mostra que Bréal (1990) tem razão no que diz respeito à *lei da repartição*, segundo o qual, por um princípio de economia, se duas formas são sinônimas, com o decorrer do tempo, uma tende a prevalecer sobre a outra.

Eis os exemplos colhidos:

➤ ADJETIVAIS

- ◆ peribucal
- ◆ periorbital
- ◆ perioral
- ◆ periartrite

3.2.7 *Sub-*

Inicialmente, quanto ao contexto de ocorrência, a análise do nosso corpus mostrou que o constituinte *sub-* é tanto pré-nominal quanto pré-verbal, sendo seu

ambiente de maior freqüência o primeiro. A análise do *corpus* apontou ainda como ambiente predominante aquele formado por bases adjetivais. De doze formações encontradas em contexto pré-adjetival, apenas um exemplar do afixo foi detectado em ambiente pré-substantival: subendocárdio.

A respeito desse tipo de ambiente com o afixo *sub-*, Duarte (1999) mostra seu emprego para além dos contextos substantivais:

tem hoje seu emprego bastante alargado, indicando não só parte de um todo: *subclasse*, *subgrupo*, *subsistema*, *subtotalidade*, mas também pejoratividade: *sub-habitação*, *subproletariado*. Nestes exemplos e outros mais, o sema fundamental é de sotoposição. O referido sema se acha presente também, quando *sub-* se anexa a adjetivos. Ele assume matizes diversos. Pode ter acepção locativa: *subandino*, *subcutâneo*, *subcortical*, *subgingival*; pejorativa: *subdesenvolvido*, *sub-humano*; partitiva: *subatômico*. Indica igualmente “um pouco, um tanto”, em alguns termos técnicos da Biologia: *subbraquicéfalo*, *subdolicocefalo*, *subglobosa*, *submuricado*. Este último matiz sêmico provavelmente se deve à influência do latim, onde eram numerosas as formações como: *subagrestis* “um pouco rústico”, *subraucus* “um pouco rouco” (Duarte, 1999: 155).

Não foi encontrada nenhuma ocorrência em ambiente pré-verbal. O que não significa que o padrão seja ilegítimo em português, apenas é de pouca prosperidade. Trabalhando com um *corpus* escrito do português brasileiro publicado entre 1950 e 1990, Duarte (1999) encontrou formas herdadas do latim com bases presas e apenas algumas com formas livres: *subalimentar*, *subclassificar*, *subnadar*.

Como vimos, o contexto hegemônico da forma em questão não é o verbal. Isto foi apontado tanto pelos *corpora* de Sandmann (1989) e Duarte (1999) quanto pelo *corpus* científico trabalhado por nós.

Quanto ao sentido, o sema fundamental é o de “sotoposição”. Essa noção foi encontrada tanto no ambiente que prevaleceu, o pré-adjetival, quanto naquele que apresentou apenas uma formação, o pré-substantival.

Contabilizamos nove formações, de acordo com o quadro abaixo:

➤ SUBSTANTIVAIS

- ◆ subendocárdio

➤ ADJETIVAIS

- ◆ subaracnoideano
- ◆ subaórtico
- ◆ subconjuntivo
- ◆ subdural
- ◆ subesternal
- ◆ subfrênico
- ◆ subgalgal
- ◆ suboclusivo

O possível concorrente *hipo-* não gerou novas formações em nosso *corpus*.

3.2.8 *Sobre- / supra-*

Oposto semanticamente a *sub-*, e semelhantemente a este, *supra-* pode tanto ser um quantificador quanto um indicador espacial. No primeiro caso, expressa a noção de intensidade, ou seja, indica 'valor excessivo', ou 'acima do normal'; no segundo caso, indica uma noção espacial, 'posição superior' ou 'acima de'. Predomina esta última noção.

Para Sandmann (1989: 28-29), existe uma tendência de *supra-*, assim como *sobre-*, assumir a função local, ao passo que *super-* se especializa no sentido da função gradual ou valorativa. O autor confirma o fato comparando as entradas com esses elementos contidas em Ferreira (1986). Cremos que *supra-* prevalece em relação a *sobre-*.

As ocorrências de *supra-* com este valor semântico de espacialidade foram apenas duas, ambas em contexto pré-adjetival e com bases livres:

➤ ADJETIVAIS

- ◆ supra-espinhal
- ◆ suprapúbico

Supra-, a despeito da minguada ocorrência parece uma forma própria da terminologia científica, aí incluída a nomenclatura farmacêutica abordada por nós, de modo a desbancar um possível concorrente, *sobre-*, que não é típico das formações nomenclaturais (cf. Duarte (1999) e Sandmann (1989)). *Super-* não poderia fazer frente a ele, já que ele se especializou como quantificador. E *sobre-*, por ser menos próprio do registro científico, não predomina sobre *supra-*.

3.3 Prefixos que exprimem “temporalidade”

O grupo semântico de temporalidade representou uma porcentagem inferior àquela do grupo anterior. A temporalidade correspondeu a 10,3% (166 formações) de todo o material coletado.

Diferentemente do que sucedeu no grupo semântico da espacialidade, que mostrou um predomínio do ambiente pré-adjetival, as formações com o conteúdo de temporalidade mostraram como ambiente mais produtivo o ambiente pré-substantival, que representou um pouco mais da metade das formações do grupo. Logo em seguida, aparecem as deadjetivais. As formações pré-verbais foram relativamente poucas, todas já dicionarizadas em Houaiss (2001), de maneira que a tabela relativa ao contexto no grupo da temporalidade assim se configura:

Tabela 4. Contexto

CONTEXTO	FREQUENCIA	PORCENTAGEM
Adjetival	72	43,4%
Substantival	87	52,4%
Verbal	7	4,2%
TOTAL	166	100,0%

Fonte: Pesquisa direta.

Confirmando a tendência do grupo total de constituintes a se unirem a bases livres, o grupo semântico da temporalidade mostrou uma tendência até mais acentuada do que o grupo da espacialidade (cf. Tabela 5):

Tabela 5. Tipo de base

BASE	FREQUENCIA	PORCENTAGEM
Livre	159	95,8%
Presa	7	4,2%
TOTAL	166	100,0%

Fonte: Pesquisa direta.

Finalmente, cruzando tipo de base e contexto, temos a Tabela 6:

Tabela 6. Tabulação base x contexto

TIPO DE BASE	CONTEXTO			TOTAL
	Adjetival	Substantival	Verbal	
Livre	69	84	6	159
Presa	3	3	1	7
TOTAL	72	87	7	166

Fonte: Pesquisa direta.

Os morfemas que mais se destacaram em termos de produtividade neste grupo foram *pós-* e *pré-*. Além deles, compareceram também *co-* e *recém-*. A vitalidade dos dois últimos, todavia, é ínfima, comparada à dos dois primeiros. Enquanto, por exemplo, o prefixo *pós-* chega a contar com 58 ocorrências, contra 46 do prefixo *pré-*, a forma *recém-* contabilizou um total de seis formações. Passemos aos comentários de *co-*, *pós-*, *pré-* e *recém-*.

3.3.1 Co-

O prefixo *co-* possui o traço sêmico 'juntamente' e foi considerado por nós no sentido temporal, isto é, de simultaneidade. Este prefixo foi responsável por dezoito

formações do *corpus*, a sua maioria em contexto nominal, especialmente o pré-substantival. Somente uma formação pré-verbal foi detectada (*co-existir*).

Para as formações lexicais não dicionarizadas, não se pode dizer que houve destaque para nenhum contexto. Todas as quatro novas formações são deadjetivais.

➤ ADJETIVAIS

- ◆ co-administrado
- ◆ co-hipofisário, *supra*-renal
- ◆ co-infectado
- ◆ correlacional

A capacidade do prefixo de gerar novas formas mostrou-se relativamente maior na linguagem científica, tendo em vista, por exemplo, que Sandmann (1989), no *corpus* jornalístico, encontrou apenas duas formações (*co-gestão* e *co-patrocinar*).

3.3.2 Pós-

O prefixo *pós-* indica “posteridade”. Assume o valor de “depois de”. Em nosso *corpus*, dentro do campo da temporalidade.

Tabela 7. Tipo de base / Pós-

BASE	FREQUENCIA	PORCENTAGEM
Livre	66	100,0%
Presa	-	-
TOTAL	66	100,0%

Fonte: Pesquisa direta.

Em referência ao contexto, temos que, das formações encontradas com este prefixo, 68,2% (45 formações) eram dessubstantivais, enquanto 31,8% (21 formações) eram deadjetivais (cf. Tabela 8).

Tabela 8. Contexto / Pós-

CONTEXTO	FREQUENCIA	PORCENTAGEM
Adjetival	21	31,8%
Substantival	45	68,2%
TOTAL	66	100,0%

Fonte: Pesquisa direta.

A porcentagem não surpreendeu. O ambiente mais produtivo desse prefixo em outros *corpus*, como o jornalístico (cf. Sandmann, 1989), costuma ser junto a bases nominais, ou seja, pré-adjetivais ou pré-substantivais, com destaque para o último tipo. Não ocorreu formação em contexto pré-verbal. Houaiss (2001) também não indica nenhuma formação dessa natureza.

Houve considerável número de formações conforme lista abaixo:

➤ SUBSTANTIVAIS

- ◆ pós-carga
- ◆ pós-cirurgia
- ◆ pós-abortamento
- ◆ pós-administração
- ◆ pós-comercialização
- ◆ pós-concepção
- ◆ pós-eletroencefalografia
- ◆ pós-herpes zóster
- ◆ pós-refeição
- ◆ pós-vacinação

➤ ADJETIVAIS

- ◆ Pós inerte (sic)
- ◆ Pós-anestésico
- ◆ Pós-apoplético
- ◆ Pós-cirúrgico
- ◆ Pós-encefálico
- ◆ Pós-herpético

- ♦ Pós-menopausal
- ♦ Pós-obstrutivo
- ♦ Pós-traumático
- ♦ Pós-tussivo

Comparando nossas formações com *pós-*, de natureza científica, com aquelas encontradas por Alves (1993b) no português falado, o que culminou em percentual relativamente baixo (3,70%).

3.3.3 *Pré-*

O prefixo *pré-* foi, ao lado de *pós-*, o de maior vitalidade dentro do campo semântico da temporalidade. *Pré-* exprime o valor temporal de “antes”, em oposição a *pós-*. Não aconteceu a predominância de nenhum ambiente em especial. Houve apenas, mais uma vez, ausência de formações deverbais. Quanto às dessubstantivais e às deadjetivais, houve exatamente 50% de ocorrências (correspondente a doze exemplos) para cada classe.

Sobre as formações com o prefixo *pré-*, podemos afirmar que são palavras inteiramente motivadas, não carecendo de registro nos dicionários. Isso se deve, certamente, à expressiva predominância das bases livres sobre as presas (cf. Tabela 9).

Tabela 9. Tipo de base / Pré-

BASE	FREQUENCIA	PORCENTAGEM
Livre	63	94,0%
Presa	4	6,0%
TOTAL	67	100,0%

Fonte: Pesquisa direta.

Quanto ao contexto, seu *corpus* mostrou que *pré-* se une de preferência a adjetivos e substantivos, embora também apresente a possibilidade de unir-se a verbos (*pré-convocar*) (cf. Tabela 10).

Tabela 10. Contexto / Pré-

CONTEXTO	FREQUENCIA	PORCENTAGEM
Adjetival	33	49,3%
Substantival	31	46,3%
Verbal	3	4,5%
TOTAL	67	100,0%

Fonte: Pesquisa direta.

O cruzamento tipo de base e contexto está indicado na tabela abaixo:

Tabela 11. Tabulação base x contexto

TIPO DE BASE	CONTEXTO			TOTAL
	Adjetival	Substantival	Verbal	
Livre	31	30	2	63
Presa	2	1	1	4
TOTAL	33	31	3	67

Fonte: Pesquisa direta.

Algumas das formações com o prefixo *pré-* foram as seguintes:

➤ SUBSTANTIVAIS

- ◆ pré-abertura
- ◆ pré-aprovação
- ◆ pré-carga
- ◆ pré-colonoscopia
- ◆ pré-comercialização
- ◆ pré-diálise
- ◆ pré-gangrena
- ◆ pré-implantação

- ♦ pré-injeção
 - ♦ pré-marketing
 - ♦ pré-síncope
 - ♦ pré-enchido (sic)
- ADJETIVAIS
- ♦ pré-cirúrgico
 - ♦ pré-clínico
 - ♦ pré-constituído
 - ♦ pré-diluído
 - ♦ pré-eclâmptico
 - ♦ pré-renal
 - ♦ pré-sistêmico
 - ♦ pré-terapêutico
 - ♦ pré-tratado
 - ♦ pré-tratamento
 - ♦ pré-ulceroso
 - ♦ pré-puberal

Pré- não se presta apenas à linguagem técnico-científica convencional. Alves (1993b) registra formações em alto número com o referido prefixo chegando a 40,74%.

Com o sentido de “à frente de”, o prefixo *pré-* possui como concorrente o prefixo *ante-*, que, em nosso *corpus*, mostrou-se irrelevante para ilustração.

O prefixo latino que originou *pré-* se unia a verbos. Tal padrão, entretanto, não logrou expansão significativa em língua portuguesa. O *corpus* evidenciou uma precária vitalidade do paradigma prefixo + verbo. Talvez, isso se deva à introdução das formações com *pré-* em português, a partir do século XIX, o que teria instaurado o padrão prefixo + base nominal, motivando, assim, as formações subseqüentes.

Contrariamente ao prefixo *pós-*, foram encontradas, com o prefixo *pré-*, quatro formações em contexto pré-verbal, todas dicionarizadas (*predispor*, *predizer*,

prescrever e *prever*). As quatro bases são livres, confirmando a observação de Duarte de que “...é bem representativo o número de verbos que se deixam segmentar em prefixo mais base livre, como *predestinar*, *predizer*, *pré-existir*, *pressupor* e *prever*” (1999: 147).

Em suma, *pré-*, cada vez mais, firma-se como um substituto do concorrente *ante-*, que se mostra pouco produtivo.

3.3.4 *Recém-*

Recém- possui o valor semântico de “há pouco tempo”, encontrado nas três únicas formações novas detectadas no *corpus*.

O constituinte em questão somente se liga a participio perfeito quando o mesmo é empregado em função adjetiva.

➤ ADJETIVAIS

- ◆ recém-coletado
- ◆ recém-diagnosticado
- ◆ recém-transplantado

3.4 *Prefixos que exprimem “oposição”*

Para simplificar a análise, usamos a mesma noção geral de oposição tanto para os prefixos, costumeiramente, assim classificados, quanto aqueles geralmente apresentados como indicativos de “negação”, “atitude hostil” etc.

Prefixos com a noção de “oposição” totalizaram 41,45% (652 formações) das 1.573 formações coletadas. As deadjetivais representaram 67,6% (441 formações). As dessubstantivais, 30,2% (197 formações), restando 2,1% para as formações deverbais (14 formações):

Tabela 12. Contexto dos prefixos de oposição

CONTEXTO	FREQUENCIA	PORCENTAGEM
Adjetival	441	67,6%
Substantival	197	30,2%
Verbal	14	2,1%
TOTAL	652	100,0%

Fonte: Pesquisa direta.

O predomínio é do contexto pré-adjetival, com bem mais de 50% das formações, sem sequer ser ameaçado pelo segundo contexto mais vital, o pré-substantival, que fica em torno de 30% do total do grupo.

O predomínio das bases livres sobre as presas correspondeu a mais da metade das ocorrências.

Tabela 13. Tipo de base

BASE	FREQUENCIA	PORCENTAGEM
Livre	380	58,3%
Presa	272	41,7%
TOTAL	652	100,0%

Fonte: Pesquisa direta.

Conforme a Tabela 14, se cruzarmos o tipo de base com o contexto teremos que, no contexto predominante, isto é, no pré-adjetival, a diferença numérica entre as bases livres e as presas é muito mais pronunciada do que no contexto pré-substantival. A diferença no pré-adjetival chega a quase cem formações, enquanto no pré-substantival são apenas três. É difícil afirmar o verdadeiro motivo determinante desse fato.

Tabela 14. Cruzamento base x contexto

TIPO DE BASE	CONTEXTO			TOTAL
	Adjetival	Substantival	Verbal	
Livre	269	100	11	380
Presas	172	97	3	272
TOTAL	441	197	14	652

Fonte: Pesquisa direta.

Uma vez estabelecidas todas essas generalidades, vamos tratar dos morfemas implicados, nesta ordem:

- a) *a-/an-, in-/i-, des-/dis-*;
- b) *não-*;
- c) *anti-*.

A forma *não-* é tratada à parte de a) porque:

- ♦ tem pauta acentual 2, sendo, portanto, pseudoprefixo;
- ♦ nem sempre apresenta exatamente sentido negativo, nem implica a mera negação de uma idéia.

3.4.1 *A- / an-, in- / i-, des- / dis-*

O prefixo *a-* e seu alomorfe compuseram um grupo intermediário, que não alcançou os elevados índices de formações de *anti-* e *não-*, mas também não obteve o número restrito de formações de *contra-*, que não mereceram registro. Ao todo, foram 69 formações com a forma *a-*.

É interessante observar, quanto ao tipo de base predominante na formações com o prefixo *a-*, que, praticamente, houve um equilíbrio entre as bases livres e as bases presas (cf. Tabela 15). Não houve uma expressiva preferência por determinado tipo base. Numericamente, a diferença entre os dois tipos foi de apenas três formações, equivalente a somente 4,4%.

Tabela 15. Tipo de base

BASE	FREQUENCIA	PORCENTAGEM
Livre	36	52,2%
Presa	33	47,8%
TOTAL	69	100,0%

Fonte: Pesquisa direta.

O contexto (Tabela 16), por seu turno, demonstrou que, com o prefixo *a-* e suas variantes, predominam as formações pré-substantivais.

Tabela 16. Contexto

CONTEXTO	FREQUENCIA	PORCENTAGEM
Adjetivo	25	36,2%
Substantivo	44	63,8%
TOTAL	69	100,0%

Fonte: Pesquisa direta.

Procedendo ao cruzamento do tipo de base com o contexto, temos que, no contexto pré-adjetivo, há uma distribuição, praticamente, equilibrada entre os dois tipos de base, ao passo que, no pré-substantivo, a diferença entre um e outro se torna um pouco mais acentuada (cf. Tabela 17).

Tabela 17. Tipo de base x contexto

TIPO DE BASE	CONTEXTO		TOTAL
	Adjetivo	Substantivo	
Livre	11	25	36
Presa	14	19	33
TOTAL	25	44	69

Fonte: Pesquisa direta.

No que diz respeito à formação de itens não registrados em Houaiss (2001), podemos dizer que, apesar de constituírem uma quantidade razoável, ficaram muito aquém daquela produzida pelo morfema inicial *anti-*, por exemplo. Foram doze formações com o prefixo *a-* e suas variantes contra 126 com a forma *anti-*. Para as formações com o prefixo *a-*, o contexto pré-substantival predominou. Eis alguns dos exemplos encontrados:

➤ SUBSTANTIVAIS

- ◆ anafilactóide
- ◆ anidrase
- ◆ anorgasmia
- ◆ apragmatismo

➤ ADJETIVAIS

- ◆ apirogênico

Outro prefixo negativo é *des-*, com a variação alomórfica *dis-*. A seu respeito, Sandmann (1989) observa que

... se alinha entre os que têm uma significação negativa. Mas há distinções a fazer: diante dos adjetivos, os quais têm todos, com exceção de *desestatizante*, um conteúdo estático, *des-* significa simplesmente ‘não’ ou nega a base a que se une. Diante dos verbos e substantivos (estes são em sua maioria substantivos que indicam ação) *des-* significa em geral ‘afastamento, separação, volta a uma situação anterior’: *desburocratização*, *desestabilizar* (1989: 18).

Quanto a essa observação de Sandmann, cabe fazer uma ressalva: o sema “voltar a uma situação anterior” é de verbo e de derivados sufixais a partir de verbos. Em muitos casos, a idéia é de negação: *descontente*, *desamor*. Há que se distinguir dois prefixos, portanto.

Des- é um prefixo cujas formações se dão principalmente com bases livres. De 44 formações, apenas três formações com base presa foram encontradas (cf. Tabela 18).

Tabela 18. Tipo de base

BASE	FREQUENCIA	PORCENTAGEM
Livre	41	93,2%
Presa	3	6,8%
TOTAL	44	100,0%

Fonte: Pesquisa direta.

A exemplo de outros *corpora* da língua escrita (cf. Alves, 1994) ou mesmo da língua oral (cf. Alves, 1993a), o prefixo *des-* em ambiente pré-substantival, em nosso *corpus*, mostrou-se bastante próspero (cf. Tabela 19).

Tabela 19. Contexto

CONTEXTO	FREQUENCIA	PORCENTAGEM
Adjetival	10	22,7%
Substantival	23	52,3%
Verbal	11	25%
TOTAL	44	100,0%

Fonte: Pesquisa direta.

Do cruzamento tipo de base x contexto, duas observações merecem destaque: a ausência de formações com base presa no contexto pré-adjetival e o domínio do contexto pré-substantival junto às bases livres (cf. Tabela 20).

Tabela 20. Cruzamento base x contexto

TIPO DE BASE	CONTEXTO			TOTAL
	Adjetival	Substantival	Verbal	
Livre	10	21	10	41
Presa	-	2	1	3
TOTAL	10	23	11	44

Fonte: Pesquisa direta.

No que tange à variação alomórfica *dis-*, temos as tabelas seguintes:

Tabela 21. Tipo de base

BASE	FREQUENCIA	PORCENTAGEM
Livre	11	39,3%
Presa	17	60,7%
TOTAL	28	100,0%

Fonte: Pesquisa direta.

Conforme a Tabela 21, a variante alomórfica *dis-* prefere bases presas.

O contexto (Tabela 22), por seu turno, demonstrou um predomínio das formações pré-substantivais.

Tabela 22. Contexto

CONTEXTO	FREQUENCIA	PORCENTAGEM
Adjetival	5	17,9%
Substantival	23	82,1%
TOTAL	28	100,0%

Fonte: Pesquisa direta.

E, finalmente, o cruzamento do tipo de base com o contexto mostra que as formações com base presa concentram-se no contexto pré-substantival, com apenas uma formação desse tipo no contexto pré-adjetival (cf. Tabela 23).

Tabela 23. Tipo de base x contexto

TIPO DE BASE	CONTEXTO		TOTAL
	Adjetival	Substantival	
Livre	4	7	11
Presa	1	16	17
TOTAL	5	23	28

Fonte: Pesquisa direta.

Quanto às formações novas com o prefixo *dis-*, há de registrar-se uma frequência relativamente alta, ao contrário do que ocorre em outro tipo de *corpora*. Em Sandmann (1989), por exemplo, só há uma ocorrência, e, em Alves (1993b), apenas três, ao passo que, em nosso *corpus*, ocorreram sete formações novas (cf. lista abaixo).

➤ SUBSTANTIVAIS

- ◆ disopiramida
- ◆ disproteinemia

➤ ADJETIVAIS

- ◆ disabsortivo
- ◆ disfuncional
- ◆ disidrótico
- ◆ disgamaglobulinêmico
- ◆ distímico

Quanto a *in-*, é caracteristicamente prefixo nominal, pré-adjetival:

Tabela 24. Contexto

CONTEXTO	FREQUENCIA	PORCENTAGEM
Adjetival	64	68,8%
Substantival	28	30,1%
Verbal	1	1,1%
TOTAL	93	100,0%

Fonte: Pesquisa direta.

Vale ainda mencionar que

(...) embora em português as premissas para adição de *in-* negativo mais verbo estejam postas, tendo como parâmetros *indispor* e *indeferir* (...), cabe observar que ainda vige no sistema lingüístico do português uma resistência à formação de verbos, o que reflete a história desse sistema (...). Lembremos que a introdução do paradigma foi tardia. E há certamente fatores semânticos envolvidos (...) (Duarte, 1999: 136).

Relativamente ao tipo de base com esse prefixo, é clara a prevalência das bases livres:

Tabela 25. Tipo de base

BASE	FREQUENCIA	PORCENTAGEM
Livre	82	88,2%
Presa	11	11,8%
TOTAL	93	100,0%

Fonte: Pesquisa direta.

Quanto às formações não registradas, houve uma confirmação do que já havia sido dito anteriormente, isto é, o ambiente mais produtivo permaneceu o adjetival. Em onze novas formações detectadas no *corpus*, somente duas eram dessubstantivais.

➤ ADJETIVAIS

- ◆ indetectável
- ◆ inefetivo
- ◆ inotrópico
- ◆ irressecável
- ◆ indesejável
- ◆ inativa

Duarte (1999) afirma que, em contexto pré-adjetival, o *in-* negativo se anexa prioritariamente a adjetivos terminados em *-vel*. Entretanto, em nosso *corpus*, a situação mostrou-se diferente. Das 64 formações deadjetivais, somente dezessete (isto é, 26,5%) seguiram esse padrão. Isto levando em conta todas as formações adjetivais. A quantidade ainda é proporcionalmente a mesma, se nos ativermos somente às formações novas detectadas não registradas em Houaiss (2001). Nesse caso, teremos que das seis formações três obedecem ao padrão mencionado.

A Tabela 26, mostrando o cruzamento do tipo de base com o contexto, por sua vez, demonstra uma concentração das bases livres no contexto pré-adjetival.

Tabela 26. Tipo de base x contexto

TIPO DE BASE	CONTEXTO			TOTAL
	Adjetival	Substantival	Verbal	
Livre	56	25	1	82
Presa	8	3	-	11
TOTAL	64	28	1	93

Fonte: Pesquisa direta.

3.4.2 Não-

Passemos agora a comentar o prefixo (ou prefixóide como preferem alguns estudiosos) *não-*, cujo caráter controverso (forma livre derivacional, semiderivacional ou composicional é discutido em Duarte (1999). Por isso, não trataremos dessa questão aqui.

Em comparação às formas negativas, em *não-*, não se apresentam alografias, nem alomorfias. Câmara Jr. (1977), salienta o fato de

(...) as sílabas pretônicas iniciais começadas por vogal deslocarem sua atonicidade mínima para a sílaba seguinte, do que resulta o semi-apagamento das vogais átonas iniciais, que, do ponto de vista sincrônico, torna pouco eficientes contrastes do tipo *regular / irregular* (1977: 47).

Ou seja, enquanto *in-* praticamente desaparece fonicamente em determinados ambientes, a forma *não-* é sempre tônica e marcada diante de nomes.

Aproximando *in-* e *não-*, Alves (1994: 17) ressalta a possibilidade de muitas vezes podermos substituir um pelo outro, sendo que *in-*, se antepõe, além de bases nominais, a bases verbais. A partícula *in-* tem-se associado bastante a bases adjetivais formadas com o sufixo *-vel*, resultando em um adjetivo passível de coexistir com uma base prefixada por *não-*. O exemplo citado é *indescartável*, que, no caso, poderia também ser *não-descartável*.

A autora salienta que

com algumas bases substantivas, a concorrência também é possível. Exemplo: *incoincidência* e *não-coincidência*. Desse modo, *indescartável* e *não-descartável*, por um lado, e *incoincidência* e *não-coincidência*, por outro, coexistem e expressam o mesmo valor (1994: 17).

Todavia, nem sempre esta aproximação é possível, uma vez que a negação por *não-* estabelece valor semântico “neutro”. É bom ressaltar que, embora muito freqüentes, *anti-* e *não-* não manifestam concorrência, pois as delimitações do significado de cada um são bem nítidas, conforme atesta a ilustração abaixo, extraída por Alves (1994) da Folha de São Paulo, a propósito de *anti-sionista* e *não-sionista*.

Estes dois se definem com não-sionistas (o que é diferente de anti-sionista). Ou seja, não apóiam a tese central do sionismo (movimento de libertação nacional-judeu surgido no século XIX), de que o Estado de Israel é a pátria de todos os judeus e que estes deveriam emigrar para lá (1994: 16).

Em nosso *corpus*, o morfema *não* prefixou sempre base do tipo livre. E no que diz respeito ao contexto, a Tabela 27 aponta o adjetival como aquele de incontestável predominância.

Tabela 27. Contexto

CONTEXTO	FREQUENCIA	PORCENTAGEM
Adjetival	180	90,9%
Substantival	18	9,1%
TOTAL	198	100,0%

Fonte: Pesquisa direta.

No que se refere às formações não registradas em Houaiss (2001), a vitalidade de *não-* em relação aos demais afixos negativos, e até mesmo em relação a todo o *corpus*, foi notável. Ele representou quase a totalidade das formações não

dicionarizadas encontradas com o sema “oposição”, correspondendo a 75,8% (198 formações) desse grupo específico.

Na impossibilidade de elencar as inúmeras ocorrências, apresentamos estes abaixo:

➤ SUBSTANTIVAIS

- ◆ não-alvo
- ◆ não-atenuação
- ◆ não-correção
- ◆ não-esteróide
- ◆ não-indução
- ◆ não-narcótico
- ◆ não-normalização
- ◆ não-ocorrência
- ◆ não-prescrição

➤ ADJETIVAIS

- ◆ não descrito
- ◆ não explicável
- ◆ não informativo
- ◆ não-absorvível
- ◆ não-adstringente
- ◆ não-aidético
- ◆ não-alérgico
- ◆ não-aparente
- ◆ não-avaliável
- ◆ não-branco
- ◆ não-canceroso
- ◆ não-carcinomatoso
- ◆ não-cardíaco
- ◆ não-caucasiano

3.4.3 *Anti-*

A forma *anti-* indica, por excelência, “oposição”. Sua vitalidade é notória nos mais variados registros. Sandmann (1989), por exemplo, trabalhando com um *corpus* jornalístico, encontrou muitos exemplos com esse constituinte, inclusive formações novas em que o significado extrapola a simples oposição para indicar um valor identificado por Sandmann (1989: 15), para nós discutível, se tomarmos exemplos como *anticultura*, como de algo ‘não-bom, ruim’. Segundo o autor, trata-se de um ‘alargamento semântico’. Todos os exemplos de nova acepção, destaque-se, são pré-substantivais. Eis alguns: *antifutebol*, *antijogo* e *antimúsica*. Cunha (1987, s.v. *anti-*) também registra a enorme aceitação de *anti-* dentro do sistema lingüístico.

Alves (1994) menciona a respeito de *anti-*, que se trata de um morfema

muito fecundo contemporaneamente, (...) denota o valor opositivo de “contrário a alguma coisa ou alguém”, ao justapor-se a bases substantivas (comuns e próprias), adjetivas, sintagmáticas e acronímicas (1994: 16).

Em nosso *corpus*, a exemplo do que ocorreu no *corpus* de Sandmann (1989), o contexto foi exclusivamente nominal. Além disso, muitas formações com bases substantivas são empregadas preferencialmente com função adjetiva.

A presença de um número razoável de termos farmacológicos com *anti-* se justifica uma vez que a finalidade dos remédios é agir contra as doenças, é combater seus sintomas.

A propósito desses exemplos que contrastam com os nossos em sutilezas semânticas adicionais, vale destacar a observação feita pelo autor:

no que diz respeito à lexicografia, deve-se notar que as palavras com o prefixo *anti-* deveriam ser registradas nos dicionários apenas quando o significado do prefixo não é mais simplesmente ‘contra’. Formações de palavras claras, transparentes, como *antiocidental* ou *antimilitar*, não precisam ter entrada nos dicionários. Em contraposição, formações como

antijogo, antifutebol, antilei, anticultura, antimúsica precisam ser registradas (1991: 15).

Ao contrário de nossa expectativa quanto à grande vitalidade da forma *anti-* dentro desse domínio de conteúdo, o morfema predominante absoluto em termos de produtividade no *corpus* como um todo e especificamente no campo semântico da oposição foi o prefixo *não-*, comentado adiante.

A diferença entre a quantidade de formações com bases livres e formações com bases presas é muito grande em favor das primeiras:

Tabela 28. Tipo de base

BASE	FREQUENCIA	PORCENTAGEM
Livre	213	93,3%
Presas	12	6,7%
TOTAL	225	100,0%

Fonte: Pesquisa direta.

Foram exemplos de tais formações com bases presas os seguintes: *antagonizar, antanímico, antígeno, antídoto*, entre outros, contabilizando doze formações em um total de 225.

A Tabela 29 mostra a situação do *corpus* no tocante ao contexto:

Tabela 29. Contexto

CONTEXTO	FREQUENCIA	PORCENTAGEM
Adjetival	151	67,1%
Substantival	74	32,9%
TOTAL	225	100,0%

Fonte: Pesquisa direta.

As freqüências na tabela mostram um desequilíbrio entre os contextos nominais. O percentual atingido pelo contexto pré-adjetival foi quase que precisamente o dobro do percentual atingido pela quantidade de formações pré-substantivais.

A Tabela 30, tipo de base e contexto, relativos ao constituinte *anti-* permite observar uma freqüência muito baixa das formações com bases presas no contexto nominal, destacadamente no contexto pré-adjetival.

Tabela 30. Tipo de base x contexto

TIPO DE BASE	CONTEXTO		TOTAL
	Adjetival	Substantival	
Livre	146	64	210
Presa	5	10	15
TOTAL	151	74	225

Fonte: Pesquisa direta.

Anti- mostrou-se bastante produtivo, obliterando seu concorrente *contra-*. Só não foi mais produtivo do que o constituinte *não-*. Eis algumas das novas formações:

➤ SUBSTANTIVAIS

- ◆ antiacne
- ◆ antifator
- ◆ anti-aids
- ◆ anti-camundongo
- ◆ anticâncer
- ◆ anticaxumba
- ◆ antidiurese
- ◆ antienvenenamento
- ◆ anti-secretor
- ◆ antitremor

➤ ADJETIVAIS

- ◆ antiadrenérgico

- ♦ antiálgico
- ♦ antiandrogênico
- ♦ anticelulítico
- ♦ antiespasmógeno
- ♦ anti-hemofílico
- ♦ antinauseoso
- ♦ antiparkinsoniano
- ♦ antivertiginoso

3.5 Prefixos que exprimem “favorecimento”

Neste grupo semântico, temos apenas o prefixo *pró-*, cujas formações se deram em sua maior parte junto a bases livres. Foi muito reduzido o número de formações, apenas oito, das quais duas eram presas e seis livres (cf. Tabela 31).

Tabela 31. Tipo de base

BASE	FREQUENCIA	PORCENTAGEM
Livre	6	75%
Presas	2	25%
TOTAL	8	100,0%

Fonte: Pesquisa direta.

Houve seis no contexto pré-adjetival e duas pré-substantivais.

Tabela 32. Contexto

CONTEXTO	FREQUENCIA	PORCENTAGEM
Adjetival	6	75%
Substantival	2	25%
TOTAL	8	100,0%

Fonte: Pesquisa direta.

Houve uma ausência de bases presas no contexto pré-substantival, enquanto as bases livres compareceram em dobro no pré-adjetival.

O cruzamento dos dados tipo de base e contexto pode ser visto na tabela 33.

Tabela 33. Tipo de base x contexto

TIPO DE BASE	CONTEXTO		TOTAL
	Adjetival	Substantival	
Livre	4	2	6
Presas	2		2
TOTAL	6	2	8

Fonte: Pesquisa direta.

Eis as formações novas com o prefixo *pró-*:

➤ SUBSTANTIVAIS

- ◆ pró-droga
- ◆ pró-fármaco

➤ ADJETIVAIS

- ◆ pró-arrítmico
- ◆ procinético
- ◆ progestogênico
- ◆ pró-inflamatório

A preferência pelo ambiente nominal, isto é, adjetival e substantival, dá-se por influência da forma livre *pró*, tanto substantivo, quanto advérbio.

Também existe a forma *pró-*, originada do prefixo grego *pro*, com a noção de “à frente de”, como no exemplo colhido de Houaiss (2001): *proscênio*.

Embora não encontrássemos, em nosso *corpus*, formações novas indicando noção de espacialidade, tal ocorrência não é absolutamente inédita na nomenclatura

científica. Duarte (1999: 148) em sua pesquisa encontrou dois itens não dicionarizados de cunho científico: *pró-acrossômicos* e *pró-ventrículo*.

Na linguagem publicitária, Pereira (1983) encontrou várias formações com a forma *pró-*, segundo o autor atribuíveis à adequação entre a carga semântica positiva do afixo e os propósitos do registro publicitário. Foram encontrados, entre outros exemplos, os seguintes neologismos: *pró-álcool*, *pró-cana*, *pró-construção*, *pró-creche*, *pró-feijão*, *pró-óleo*, entre outros.

3.6 Prefixos que exprimem quantificação

A quantificação abrange tanto formas livres quanto formas presas: *um*, *dois*, *muito*, *pouco*, *bi-*, *três*, *multi-*, *pluri* (cf. Pottier, 1978), em que se destaca a idéia de quantidade, definida (dada pelos numerais) e indefinida (dada, por exemplo, pelo pronomes indefinidos). Restringir-nos-emos à quantificação indefinida representada, entre outros, por *hiper-*, *super-*, *pluri-*, *multi-*. Descartamos os de natureza numeral devido a não apresentarem rendimento digno de nota.

Sob a noção de quantificação, não estaremos abrigando, no âmbito desta análise, afixos indicadores de quantidades mensuráveis, mas apenas aqueles que equivalem semanticamente a pronomes indefinidos e a certos adjetivos (*pequeno*, *grande*, por exemplo). Denominaremos esses quantificadores de quantificadores indefinidos.

Nossa decisão encontra apoio em Vilela (1994):

ao lado da intensificação dita 'analítica' - como a que é feita por meio de comparação (...) - ou a que se serve dos chamados superlativos (...) - ou a que é feita por meio de advérbios ou palavras de intensificação/graduação (...), há ainda o recurso à prefixação, em que o nível excessivo de uma propriedade é marcado por afixos, que até há pouco eram próprios de linguagens técnicas (1994: 110).

Para efeito de exposição, subclassificaremos a quantificação em:

- ♦ crescente: *extra-*, *hiper-*, *para-*, *super-*, *sobre-*, *ultra-/multi-*, *pluri-*, *poli-macro-*;
- ♦ decrescente: *sub-*, *hipo-*, *micro-*, *oligo-*

Feitas essas considerações preliminares, passemos à análise do grupo semântico da quantificação.

Os afixos do grupo quantificação corresponderam a aproximadamente 23,84% (375 formações) do total do *corpus*. As formações dessubstantivais destacaram-se com 71,7% (269 formações) das ocorrências, enquanto as formações deadjetivais representaram 27,7% (104 formações), enquanto as formações deverbais somaram apenas 0,5% (duas formações) (cf. Tabela 34).

Tabela 34. Contexto

CONTEXTO	FREQUENCIA	PORCENTAGEM
Adjetival	104	27,7%
Substantival	269	71,8%
Verbal	2	0,5%
TOTAL	375	100,0%

Fonte: Pesquisa direta.

Compareceram em nosso *corpus* as seguintes formas: *extra-*, *micro-*, *macro-*, *semi-*, *sobre-*, *super-*, *ultra-*, *hipo-*, *hiper-*, *oligo-* e *para-*. Entre eles, *hiper-* e *hipo-* mostraram-se os dois constituintes dominantes quanto ao número de formações. O primeiro representou 30,15% (113 formações) do grupo, enquanto o segundo correspondeu a aproximadamente 22,94% (86 formações). O restante ficou dividido entre os demais afixos, sem destaque para nenhum em especial.

Quanto ao tipo de base, temos a Tabela 35:

Tabela 35. Tipo de base

BASE	FREQUENCIA	PORCENTAGEM
Livre	259	69,1%
Presa	116	30,9%
TOTAL	375	100,0%

Fonte: Pesquisa direta.

No grupo, houve predomínio das bases livres, com uma porcentagem bem acima da metade.

Quanto à tabulação do tipo de base e contexto, temos:

Tabela 36. tipo de base x contexto

TIPO DE BASE	CONTEXTO			TOTAL
	Adjetival	Substantival	Verbal	
Livre	73	185	1	259
Presa	31	84	1	116
TOTAL	104	269	2	375

Fonte: Pesquisa direta.

O contexto pré-substantival acumulou mais do que o dobro, tanto de bases livres quanto de bases presas, em relação às formações do contexto pré-adjetival.

Quanto a novas formações, os afixos mencionados corresponderam a 11,7% (184 formações) do total do *corpus*. Especificamente neste grupo semântico, as formações dessubstantivais destacaram-se com 69% (127 formações) das ocorrências, enquanto as deadjetivais representaram 31% (57 formações). Não foi detectada nenhuma formação nova com o afixo em ambiente pré-verbal.

3.6.1 *Pluri- / multi- / poli-*

Os constituintes *pluri-* e *multi-* são afixos concorrentes. Em nosso *corpus*, uma comparação entre o número de formações de *pluri-* e *multi-* mostra que o segundo possui realmente vitalidade maior. Enquanto *multi-* apresenta dez formações, *pluri-* possui somente uma (*pluripotente*). Contudo, a forma *poli-* supera, claramente, as duas anteriores em produtividade.

Sobre o contexto de eleição de *pluri-*, Duarte (1999) observa:

o padrão identificado, de expressão não muito significativa, considerando-se os exemplos não registrados pelo Aurélio, é *pluri-* + adjetivo: *pluricarencial* e *plurissexual*. Estes exemplos são consoantes com o padrão de formação que entraram no português via linguagem científica internacional do século XIX (1999: 145).

Sobre *multi-*, “denotador de ‘quantidade’, ‘diversidade’”, Alves (1994: 20) constata sua anteposição a bases nominais e a criação de itens léxicos de distribuição adjetival e substantival. A autora cita o exemplo *multiinstrumentistas*.

Em relação a *multi-*, não identificamos em nosso *corpus* prevalência de contexto. Cada um dos dois contextos nominais obteve a metade exata das formações, isto é, cinco formações.

As formações não dicionarizadas contabilizaram seis formações, das quais quatro pré-adjetivais e duas pré-substantivais:

➤ SUBSTANTIVAIS

- ◆ multidoso
- ◆ multivitamina

➤ ADJETIVAIS

- ◆ multicêntrico
- ◆ multirresistente
- ◆ multissináptico

- ♦ multissistêmico

O concorrente *poli-* obteve uma quantidade de formações digna de nota (cf. abaixo), prevalecendo sobre *multi-* e contrariando a constatação a que chegou Pereira (1983: 92) com base em outro *corpus*. Talvez essa prevalência seja restrita à linguagem científica.

➤ SUBSTANTIVAIS

- ♦ Poliglucose
- ♦ Polimialgia
- ♦ Polimineral
- ♦ Polimiosite
- ♦ Polineuropatias
- ♦ Poliproteínas
- ♦ Poliquimioterapia
- ♦ Polirradiocloneuropatia
- ♦ Politerapia

➤ ADJETIVAIS

- ♦ Policístico
- ♦ Policlonal
- ♦ Polimérico
- ♦ Polissacarídico
- ♦ Polivitamínico

3.6.2 *Sub- / hipo-*

A forma *sub-*, além da noção espacial, representa a noção semântica quantitativa de 'valor abaixo do normal'. Foram dez formações, todas em contexto nominal, cinco pré-adjetivais e cinco pré-substantivais, e todas com bases livres. Dessas dez, seis eram novas, sendo quatro dessubstantivais e duas deeadjetivais:

➤ SUBSTANTIVAIS

- ♦ subexcitação
- ♦ subfração

- ◆ subinvolução
- ◆ sub-regulação
- ADJETIVAIS
 - ◆ sub-crônico
 - ◆ subótimo

Não encontramos no *corpus* nenhuma formação pré-verbal, embora esse padrão não seja totalmente estranho à língua portuguesa, conforme exemplos registrados em Houaiss (2001): *subestimar*, *subfaturar* e *subutilizar*.

Sobre o concorrente *hipo-* 'insuficiência', Cunha (1987, s.v. *hipo-*) diz que a forma

(...) ocorre em vários compostos já formados no próprio grego, como hipótese, por exemplo, e em muitíssimos outros formados nas línguas modernas; tal como hiper-, de sentido oposto, o prefixo *hipo-* foi e continua sendo de extraordinária vitalidade na formação de compostos eruditos, particularmente nas linguagens da medicina (onde ele ocorre em vocábulos que indicam a deficiência de uma atividade orgânica) e da química (onde ele aparece designando os ácidos – e os sais correspondentes – que possuem em grau inferior de oxidação).

São exemplos de *hipo-* em contexto pré-verbal, registrados em Houaiss (2001): *hipossensibilizar*, *hipostasiar*, *hipostenizar*, *hipotrofiar*.

A forma *hipo-* prefere bases livres às presas (cf. Tabela 37). Muito mais do que a metade do total de formações se dá com esse tipo de base.

Tabela 37. Tipo de base

BASE	FREQUENCIA	PORCENTAGEM
Livre	57	81,4%
Presa	13	18,6%
TOTAL	70	100,0%

Fonte: Pesquisa direta.

Quanto ao contexto, eis a tabela:

Tabela 38. Contexto

CONTEXTO	FREQUENCIA	PORCENTAGEM
Adjetival	27	38%
Substantival	43	62%
TOTAL	70	100,0%

Fonte: Pesquisa direta.

As bases livres que predominaram sobejamente concentraram-se no contexto pré-substantival, enquanto o menor número de formações ocorreu com bases presas em contexto pré-adjetival (cf. tabela 39):

Tabela 39. Tipo de base x contexto

TIPO DE BASE	CONTEXTO		TOTAL
	Adjetival	Substantival	
Livre	23	35	58
Presa	4	8	12
TOTAL	27	43	70

Fonte: Pesquisa direta.

No tocante às formações novas com *hipo-*, tivemos que, de um total de setenta formações, a metade não encontra registro em Houaiss (2001) (cf. abaixo). Dessas 35 novas formações, temos um relativo equilíbrio entre os contextos nominais: dezenove formações dessubstantivais e dezesseis deadjetivais. As bases, por outro lado, são, todas livres. Eis algumas dessas novas formações:

➤ SUBSTANTIVAIS

- ◆ Hipoadrenalismo
- ◆ Hipoatividade
- ◆ Hipocitratúria
- ◆ Hipocloremia

- ◆ Hipocloridria
 - ◆ Hipoestrogenia
 - ◆ Hipoestrogenismo
 - ◆ Hipogamaglobulinemia
 - ◆ Hiponatremia
- ADJETIVAIS
- ◆ Hipocitratúrico
 - ◆ Hipoclorêmico
 - ◆ Hipocolesterinêmico
 - ◆ Hipocrônico
 - ◆ Hipoestrogênico
 - ◆ Hipogamaglobulinêmico
 - ◆ Hipoglicídico
 - ◆ Hipogonadotrófico
 - ◆ Hipo-hormonal
 - ◆ Hiponatrêmico

3.6.3 *Hiper-, para-, sobre-, super-, ultra-*

A forma *hiper-* possui as noções de ‘acima, acima de, sobre, por cima, superiormente, muito, para lá de’. É concorrente de *super-*. Cunha (1987, s.v.; *hiper-*) informa que sua divulgação na língua data do século XVIII, com grande avanço no século XIX, a ponto de hoje ser cada vez mais freqüente em várias áreas temáticas, inclusive na terminologia científica em geral. De acordo com ele, o prefixo *hiper-* foi e continua sendo de grande vitalidade na formação de compostos eruditos, particularmente nas linguagens da medicina, da química e da matemática.

Sobre o contexto, é preciso esclarecer que, embora não tenham ocorrido formações pré-verbais, essa construção encontra registro nos dicionários. São exemplos extraídos de Houaiss (2001): *hiperestender* (termo da medicina, ‘realizar hiperextensão em’); *hiperestésiar*, *hiperpolarizar* (termo da física); *hipertrofiar*, *hipervalorizar*, *hiperventilar*, entre outros.

O prefixo *hiper-* foi mais produtivo do que os anteriormente comentados. Representou 62 formações novas das 196 encontradas, com predomínio de formações dessubstantivais (53). As adjetivais somaram só nove exemplos.

O tipo de base com o morfema *hiper-* encontra-se na Tabela 40.

Tabela 40. Tipo de base

BASE	FREQUENCIA	PORCENTAGEM
Livre	92	81,4%
Presa	21	18,6%
TOTAL	113	100,0%

Fonte: Pesquisa direta.

A Tabela 41 aponta a situação do contexto em relação a *hiper-*:

Tabela 41. Contexto

CONTEXTO	FREQUENCIA	PORCENTAGEM
Adjetival	18	15,9%
Substantival	95	84,1%
TOTAL	113	100,0%

Fonte: Pesquisa direta.

Quanto à tabulação do tipo de base e do contexto:

Tabela 42. Tipo de base x contexto

TIPO DE BASE	CONTEXTO		TOTAL
	Adjetival	Substantival	
Livre	15	77	92
Presa	3	18	21
TOTAL	18	95	113

Fonte: Pesquisa direta.

A seguir encontram-se algumas das formações não registradas em Houaiss (2001):

➤ SUBSTANTIVAIS

- ◆ hiperagregabilidade
- ◆ hiperaldosteronismo
- ◆ hipercalemia
- ◆ hipercontratilidade
- ◆ hiperestimulação
- ◆ hiperestímulo
- ◆ hiperfibrinólise
- ◆ hiperfunção
- ◆ hiper-hidratação
- ◆ hiperinsulinemia
- ◆ hipermetabolismo
- ◆ hiperoxigenação
- ◆ hipersalivação
- ◆ hipersudorese

➤ ADJETIVAIS

- ◆ hiperimune
- ◆ hiperutilidade
- ◆ hiperqueratótico
- ◆ hiper-reativo
- ◆ hipercalemico
- ◆ hiperclorêmico
- ◆ hiperexcitado
- ◆ hipernefróide
- ◆ hiper-osmótico

A respeito de *hiper-*, Sandmann (1989: 20) afirma que, semanticamente, corresponde à forma *super-*; no entanto, Alves (1994), a propósito, fala de um exagero mais saliente do que o de *hiper-*.

Passemos agora a comentar o constituinte *sobre-*, a forma vernácula de *super-*, e seu concorrente em pares como *sobrestimar / superestimar*, *sobreexcitar / superexcitar*, *sobreaumentado / superaumentado* (termo da música), *sobreaquecer / superaquecer*, *sobreatuar / superatuar* (termo das artes cênicas), todos registrados em Houaiss (2001).

O número de formações não acolhidas pelo dicionário foi muito reduzido, apenas quatro. São as seguintes:

➤ SUBSTANTIVAIS

- ◆ sobredosagem
- ◆ sobredose
- ◆ sobredosificação
- ◆ sobre-ressecção

Todas as formas novas, como se vê, são dessubstantivais. Não constatamos nenhuma formação em ambiente pré-verbal. Mas existem vários exemplos em língua portuguesa, tais como *sobreafligir*, ('causar grande aflição a'), *sobreaquecer*, *sobreatuar* ('exagerar na representação'), *sobreazedar*, *sobrecapitalizar*, *sobrecarregar*, *sobredistender*, *sobrestimar*, *sobreexcitar* e *sobreirritar*, todos extraídos de Houaiss (2001)⁹.

Se compararmos *sobre-* com seu concorrente *super-*, veremos que não ocorreu grande diferença entre os contextos de preferência.

Com a forma *super-*, tivemos somente seis formações não lexicografadas, das quais apenas uma era adjetival (*superparamagnéticos*). A análise do *corpus* não revelou nenhuma formação pré-verbal. Se procedermos a uma comparação, verificaremos a reiteração de uma tendência geral de todos os afixos encontrados no *corpus* a respeito da produtividade, ou seja, a existência de um número muito

⁹ É curioso o caso de *sobressarar*, em que se tem o prefixo como intensificador, mas não indicando a noção de 'excesso'. O verbo comparece em Houaiss (2001) com o significado de 'melhorar ligeiramente o estado de saúde, paliar'.

reduzido de formações deverbais, em contraponto com as dessubstantivais e as deadjetivais.

Vejamos quais foram essas formações:

➤ SUBSTANTIVAIS

- ◆ Supercrescimento
- ◆ Superdosagem
- ◆ Superestímulo
- ◆ Superexpressão
- ◆ Supercorreção

➤ ADJETIVAIS

- ◆ Superparamagnético

Apesar das poucas formações novas nos contextos pré-adjetival e da ausência de pré-verbais, Houaiss (2001) registra vários exemplos nesses ambientes com o constituinte *sobre-*: *superagudo*, *supercrítico* ('extremamente crítico', mas também como termo da física de partículas elementares 'sistema com massa físsil excessiva' e, na fisioquímica, 'fluido de temperatura e pressão acima do respectivo ponto crítico'), *superfaturar*, *superelevar*, *superexaltar*, *superagasalhar*, *superativar* etc.

Nos exemplos do *corpus* tratado por Sandmann (1989), *super-* raramente apareceu com o significado local de 'acima'. De acordo com o autor, essa função fica mais com o prefixóide *sobre-* e com a forma *supra-*). A função intensiva de *super-*, convém assinalar, já fora indicada por Pereira (1983: 90), que, estudando o *corpus* da linguagem publicitária, denomina-o "elemento intensivo e intensificador por excelência".

A função significativa de "exagero" e de "excesso" também é expressa em unidades léxicas constituídas com *ultra-*, que se prefixa a bases substantivas e adjetivas. Exemplos: *ultradireita* (como substantivo, indicando a ala política) e *ultra-ortodoxos* (1994: 20).

Super-, mais usado do que *hiper-* e *ultra-*, acresce uma “qualidade superior” à base a que se justapõe. Quanto ao aspecto morfológico, a base prefixada por *super-* apresenta caráter substantival, algumas vezes verbal e também adjetival. Nesse último caso, evita o emprego do superlativo absoluto sintético.

O constituinte *ultra-*, 'para além de, em excesso', documenta-se, segundo Cunha (1987), em alguns derivados e compostos introduzidos, sobretudo a partir do século XIX na linguagem erudita.

O modelo de formação encontrado por nós segue a tendência prioritária desse morfema em língua portuguesa, que é unir-se a adjetivos. Houaiss (2001) elenca um grande número de exemplos em tal situação: *ultra-competente*, *ultra-democrático*, *ultra-gigantesco*, *ultra-liberal*, *ultra-radical*, *ultra-apressado*, *ultracatólico*, *ultrachique*, *ultraconservador*, entre outros. No campo científico, são mencionados os exemplos *ultra-curto*, termo da eletrônica, e no ambiente pré-substantival *ultra-filtração*, *ultra-microscopia* e *ultra-vírus*.

A forma *ultra-*, em nosso *corpus*, mostrou-se de baixa vitalidade. Apenas quatro formações foram detectadas, sendo todas pré-adjetivais e com bases livres. Sandmann (1989) não encontrou *ultra-* com significação local, apenas gradual. O contexto de todas as formações encontradas por ele foi o pré-adjetival.

Há que se observar ainda as possíveis formações concorrentes com os constituintes *super-* e *sobre-*: *ultranatural* / *sobrenatural*, *ultra-secreto* / *super-secreto*, sendo que, pelo menos no primeiro par, a preferência é por *sobre-*.

Em relação às formas novas, *ultra-* produziu somente dois exemplos, ambos pré-adjetivais:

➤ ADJETIVAIS

- ◆ ultrafiltrável
- ultralento

3.6.4 *Semi-*

A forma *semi-* apresentou fundamentalmente o traço sêmico de “quase”. O constituinte revelou-se a exemplo da maior parte dos afixos desse grupo, como pouco produtivo. Apenas cinco formações novas foram registradas:

➤ SUBSTANTIVAIS

- ◆ semi-elemento
- ◆ semiperíodo

➤ ADJETIVAIS

- ◆ semidesnatado
- ◆ semiquantitativo
- ◆ semi-sólido

O valor semântico desse afixo costuma ser apontado como sendo “metade” (cf. Vilela, 1994). Nas formações de adjetivos, contudo, o sentido é muito mais “um pouco” ou “quase”, como dissemos.

A esse propósito, vale a pena citar estas esclarecedoras palavras de Calçada:

percebe-se, face à própria significação de *semi-*, que os conteúdos a que tal prefixo se agrega, sofrem um estreitamento por redução do significado, interferindo na extensão e compreensão das idéias. Cria-se então uma escala de valores em que a quantidade ou redução do significado vai desde a metade, até à proximidade do todo, sem alcançá-lo ou sem a ele se igualar. A noção de divisão deixa de ser nítida e, assim esvaziada, assume um valor subjetivo de natureza afetiva, comportando-se o prefixo como marcador de grau (entendido aqui em sentido amplo). Notem-se as construções *semi-irônica*, *semi-convertida*, *semi-decisiva*, *semidigerido*, *semi-amados*, entre outras, em que a representação massiva (contínua) das bases escapa à quantificação numérica ou à divisão em partes.

Na medida em que se perde a noção concreta, o prefixo passa a ser empregado como atenuante de certas noções, como *semi-bêbado*, *semi-fascista*, etc. aumentando sua gama de significações e dificultando sua organização em classes (texto manuscrito, s/d, p. 3).

Semi- equivale semanticamente a ‘meio, metade’ e não produziu no *corpus* exemplos apreciáveis.

No *corpus* analisado por Sandmann (1989), o contexto que prevaleceu com o afixo *semi-* foi o pré-adjetival, sendo seguido pelo pré-substantival.

3.6.5 *Macro-*

Sobre *macro-*, Cunha (1987, s.v. *macro-*) informa que é:

elemento de composição (*sic*) do grego *makrós* 'grande, comprido', que se documenta em vocábulos eruditos, alguns formados no próprio grego, como macróbio, e muitos outros introduzidos, a partir do século XIX, na linguagem científica internacional.

Macro- compareceu no *corpus* com um total de dez formações, sendo sete dessubstantivais e três deadjetivais. Quanto às bases, uma metade é livre, e a outra presa.

Com as cinco novas formações, apenas duas eram com bases presas, e o contexto pré-substantival prevaleceu (cf. abaixo).

➤ SUBSTANTIVAIS

- ◆ macroadenoma
- ◆ macrocristalino
- ◆ macrolídeo
- ◆ macroscopia

➤ ADJETIVAIS

- ◆ macroclínico

3.6.6 *Micro-*

Sobre *micro-*, Cunha (1987 s.v. *micro-*) informa tratar-se na realidade de:

elemento de composição do grego *mikro-*, de *mikrós* 'pequeno' (em medidas, equivale à milésima parte da unidade fundamental de um sistema), que se documenta em vocábulos eruditos introduzidos, a partir do século XIX, na linguagem científica internacional.

Micro- foi responsável por um cômputo geral de quarenta formações, metade já registrada. Uniu-se preferencialmente a bases livres (cf. Tabela 43).

Tabela 43. Tipo de base

BASE	FREQUENCIA	PORCENTAGEM
Livre	33	82,5%
Presa	7	17,5%
TOTAL	40	100,0%

Fonte: Pesquisa direta.

No que tange ao contexto, a Tabela 44 aponta uma preferência pelo contexto pré-substantival com grande diferença em relação ao pré-adjetival:

Tabela 44. Contexto

CONTEXTO	FREQUENCIA	PORCENTAGEM
Adjetival	11	27,5%
Substantival	29	72,5%
TOTAL	40	100,0%

Fonte: Pesquisa direta.

Quanto à tabulação do tipo de base e do contexto, temos uma concentração das bases livres (mais da metade) em contexto substantival:

Tabela 45. Tipo de base x contexto

TIPO DE BASE	CONTEXTO		TOTAL
	Adjetival	Substantival	
Livre	8	25	33
Presa	3	4	7
TOTAL	11	29	40

Fonte: Pesquisa direta.

Micro- produziu vinte formações não registradas em Houaiss (2001). Eis alguns exemplos:

➤ SUBSTANTIVAIS

- ◆ microangioplastia
- ◆ microcomprimido
- ◆ microdepósito
- ◆ microdose
- ◆ microesfera
- ◆ microgrânulo

➤ ADJETIVAIS

- ◆ microangiopático
- ◆ microfino
- ◆ microssomal

3.7 Prefixos que exprimem “repetição”

Este grupo semântico, assim como o grupo “favorecimento”, compreende apenas um prefixo, no caso, *re-*. Uma outra possível denominação seria “de novo”, que Vilela (1994) utiliza para certos prefixos. Não entendemos porque o autor não incluiu nesta denominação o prefixo *re-*. De maneira que, em vez dessa denominação semântica, optamos pela indicação do sentido de *re-* como “repetição”, por nos parecer a mais adequada à maior parte dos casos encontrados com esse elemento.

Tabela 46. Tipo de base

BASE	FREQUENCIA	PORCENTAGEM
Livre	91	94,8%
Presas	5	5,2%
TOTAL	96	100,0%

Fonte: Pesquisa direta.

Conforme vemos, as bases livres predominaram com uma grande margem de diferença. Os três exemplos formados com bases presas foram *recidiva*, *reversível* e *revertido*.

É necessário ainda mencionar um aspecto acerca do valor semântico do afixo *re-*. Ao lado do sentido de “de novo”, temos também outro sentido, o de “de outra maneira”. Na formação *releitura*, por exemplo, não estamos diante simplesmente de uma repetição do ato de ler, trata-se, na verdade de uma nova maneira de ler, uma nova interpretação. Sirvam de exemplos ainda com esse segundo sentido: *reorganização*, *reagrupar*, *redirecionar*, *reinterpretar* etc.

E, além desse, outro sentido possível é o que expressa ‘intensidade + repetição de uma ação’ ou ‘repetição continuada de uma ação’, como nas palavras *repisar* (fig.) = repetir (contexto: repisar um tema, um assunto), *rebrilhar* e *recozer*.

Das novas formações encontradas por Sandmann (1989) com o prefixo *re-*, a maior parte estava em contexto pré-substantival, seguido do pré-verbal. O autor ainda destaca que:

os substantivos têm, em geral, bases que são substantivos designativos de ação terminados em *-ção* e *-mento* e derivados de verbos. Mas também os substantivos não terminados em *-ção* e *-mento*, por exemplo *descoberta* → *redescoberta*, indicam ação. Isso revela, pois, que *re-*, contrariamente ao prefixo *in-* se une a palavras que expressam um processo (1989: 26).

Quanto ao contexto, temos uma leve diferença entre os contextos nominais, com uma pequena vantagem para o contexto pré-substantival. As formações pré-adjetivais foram responsáveis por 38,5% do total, isto é, 37 exemplos, enquanto as pré-substantivais obtiveram 45,8%, ou 44 exemplos. O contexto pré-verbal, a exemplo de todos os grupos anteriores, mostrou-se o menos produtivo com somente quinze formações, correspondendo a 15,6% do total do grupo (cf. Tabela 47).

Tabela 47. Contexto

CONTEXTO	FREQUENCIA	PORCENTAGEM
Adjetival	37	38,5%
Substantival	44	45,8%
Verbal	15	15,6%
TOTAL	96	100,0%

Fonte: Pesquisa direta.

Acompanhando a Tabela 48, constatamos que as bases livres predominaram com uma grande margem de diferença. Dois exemplos não registrados em Houaiss (2001) foram formados com bases presas em contexto nominal: *recidiva* e *reversível*.

Tabela 48. Tipo de base x contexto

TIPO DE BASE	CONTEXTO			TOTAL
	Adjetival	Substantival	Verbal	
Livre	35	42	14	91
Presas	2	2	1	5
TOTAL	37	44	15	96

Fonte: Pesquisa direta.

Algumas das novas formações com *re-* foram as seguintes:

- SUBSTANTIVAIS
 - ◆ reinfarto
- ADJETIVAIS
 - ◆ reperfusional

- ♦ ressuspensão
- VERBAIS
- ♦ reinstaurar-se

3.8 Outros prefixos

Neste grupo, como já esclarecemos antes, reunimos aqueles afixos cujos traços sêmicos são mais diversificados, mas que possuem em comum a atribuição de qualidades à base a que se unem. Estão incluídos alguns elementos freqüentemente considerados prefixóides, tais como *pseudo-* e *dis-*.

A respeito de *dis-* ou *di-*, é preciso mencionar que analisaremos aqui apenas o constituinte de origem grega, indicador do sentido de “perturbação”, que é particularmente produtivo na terminologia científica (como em *dispnéia*, 'dificuldade em respirar' e *disfagia*, 'dificuldade no ato de comer'). Não trabalharemos com a forma *dis-* que denota “separação”, nem “movimento para diversos lados” (cf. Lima (1972), para os significados da forma *dis-*).

Com a forma *dis-*, sentido de “perturbação”, apenas duas formações novas (ambas adjetivais) foram encontradas no *corpus* a partir de formas livres: *disgamaglobulinêmico* e *disfuncional*.

Pseudo-, por sua vez, está no grupo dos elementos que são considerados prefixóides. O significado é 'falso', 'não autêntico'.

Não há muito que se dizer a seu respeito. Não obstante isso, a produtividade de *pseudo-*, na linguagem científica, foi considerável. Foram vinte formações, dezenove das quais eram não registradas em Houaiss (2001).

As formações novas são as seguintes:

- SUBSTANTIVAIS
- ♦ pseudo-afacia

- ♦ pseudo-angina
 - ♦ pseudo-artrite
 - ♦ pseudocolinesterase
 - ♦ pseudocolite
 - ♦ pseudoefedrina
 - ♦ pseudo-hipericina
 - ♦ pseudoipericina
 - ♦ pseudomnestruação
 - ♦ pseudomona
 - ♦ pseudomotor
 - ♦ pseudo-obstrução
 - ♦ pseudo-paratiroidismo
 - ♦ pseudoparkinsonismo
 - ♦ pseudotrombocitopenia
 - ♦ pseudotumor
- ADJETIVAIS
- ♦ pseudo-alérgico
 - ♦ pseudodeficiente
 - ♦ pseudo-esfoliativo
 - ♦ pseudomembranoso
 - ♦ pseudomônico

É um número bastante elevado se considerarmos a quantidade de formações do *corpus* analisado por Sandmann (1989). O autor encontrou somente três: *pseudo-intelectualidade, pseudo-liderança, pseudo-social*.

O contexto é predominantemente substantival, e as bases são todas livres. Como, aliás, ocorreu também em Sandmann (1989). A interpretação do significado é, portanto, bastante facilitada.

3.9 Contraponto estatístico entre prefixos e prefixóides

Há que se registrar, em meio aos prefixos, uma quantidade enorme de pseudoprefixos ou prefixóides, introduzidos na língua a partir da segunda metade do século XIX, conforme já dito. Em nosso *corpus*, os prefixóides aparecem, na grande maioria dos exemplos colhidos, à exceção daqueles constituídos pelos afixos de negação e pelos afixos *trans-*, *re-*, *per-* e *dis-*, este último com o sentido de perturbação. Quanto ao restante, mais de 80% de todo o *corpus*, temos que uma subtonicidade se estabelece, permitindo o surgimento da pauta acentual 2, característica dos pseudoprefixos.

Merece um comentário especial o morfema *sub-*, que poderia gerar alguma dúvida quanto à presença dessa pauta acentual. Porém, o que temos, nesse caso, é um simples camuflamento da natureza dissilábica pela escrita, que dá a impressão de que se trata de um monossílabo. Mas, se observarmos com atenção, verificaremos que a fonologia manifesta uma espécie de vogal átona final na forma *sub-*, o que garante a pauta acentual 2. Levamos isso em conta no momento de separarmos os prefixos dos prefixóides e procedermos ao nosso levantamento estatístico. Com base nesses critérios, podemos afirmar que, de 1.573 formações colhidas no *corpus*, 1.036, ou seja, aproximadamente 65,9%, são prefixóides.

Adotando a mesma linha de Carvalho (1974), assumimos o pseudoprefixo como elemento caracterizado pela pauta acentual 2, que o aproxima da palavra, de tal modo que a formação se aproxima da composição. Em geral, o pseudoprefixo, além da característica fonológica citada, caracteriza-se por ter ambiente nominal: adjetival ou substantival. O critério de braquissomia mórfica ou sintática é secundário, meramente auxiliar, já que nem sempre pode ser elicitado.

CONCLUSÃO

Como aspectos conclusivos, cabe mencionar algumas constatações a que chegamos no transcorrer de nosso trabalho.

Em primeiro lugar, verificamos a existência de várias vertentes de análise mórfica em língua portuguesa e a conseqüente necessidade de elegermos uma delas para atingirmos de maneira coerente e uniforme o objetivo a que nos propusemos, o de estudar o processo de prefixação na terminologia científica contemporânea. Resolvemos trabalhar com um conceito operacional de raiz, uma vez que precisávamos determinar os elementos periféricos à direita e à esquerda, e com a teoria dos constituintes imediatos, já que lidamos com a noção de *base*. Essa escolha se deu no interior de uma língua funcional. Cremos que a terminologia científica, não obstante dotada de viés próprio, aproxima-se do padrão da língua, daí a necessidade de adotarmos uma visão sinstrática, sinfásica e sintópica, que refletisse esse mesmo padrão da língua. Como indício de tal vizinhança, constatamos, em nosso *corpus*, o predomínio de bases livres sobre bases presas. Essa prevalência vai no sentido de diminuir a distância entre o discurso científico e uma linguagem acessível a um público não especialista. No tocante ao ambiente de ocorrência, o contexto nominal prevaleceu sobre o contexto verbal, talvez pelo fato de boa parte dos elementos ter ingressado na linguagem científica a partir do século XIX com função de formar itens lexicais designativos e/ou qualificativos. Como, aliás, é próprio das terminologias.

Agrupamos os prefixos dentro de um campo semântico no qual os subgrupos foram organizados segundo o critério conjuntivo da concorrência. Prefixos homófonos são tratados em outro grupo à parte naturalmente.

Observamos, em muitos casos, uma correlação entre o sentido do prefixo e sua freqüência. *Super-*, local, sotopõe-se, freqüentemente, a *super-*, intensivo; *extra-* com a noção de exterioridade supera a *extra-*, intensivo; *hipo-*, intensivo, fica acima do *hipo-*, local. O fenômeno da homofonia não implica, pois, indiferença estatística, havendo disparidade entre os homófonos quanto à freqüência numérica e no percentual das formas.

Outro fenômeno que não parece ser indiferente é a concorrência. Se dois ou mais prefixos tendem a ocupar o mesmo lugar semântico em termos virtuais, na prática uma forma tende a obliterar a outra. Assim, *infra-* e *hipo-* se sotopõem a *sub-*; *endo-* a *intra-*; *ante-* a *pré-*; *circum-* a *peri-*; *per-* a *trans-*; *pluri-* e *multi-* a *poli-*. Há de registrar-se "reflexos" da produtividade no âmbito de outros *corpora* no *corpus* ora avaliado. É o caso de *super-*, de *multi-*, de *pré-* e *pós-*, entre outros.

Um fenômeno saliente é a presença dos pseudoprefixos por força principalmente de sua introdução a partir do século XIX.

Quando um afixo predomina sobre seu concorrente, estamos diante de uma conseqüência de dois fatores: as condições de produção e as condições de produtividade. Ambos influenciam na vitalidade dos afixos. Por que, quando e como nascem as palavras? É mais do que óbvio que nascem em função de regras, a partir da existência de condições de produtividade, mas isso, por si só, não basta para explicar, ou tentar explicar, o fenômeno da criação lexical. Convém remeter aos aspectos pragmáticos do tempo e do espaço. As palavras nascem em função do momento histórico. É o contexto discursivo, entendido aqui de forma bem ampla, que intervém determinando muitos aspectos da produtividade dos afixos.

Tomemos como exemplo *hipo-*. Esse prefixo, como intensivo, é utilizado nos bulários para indicar quantidade insuficiente de uma substância. Ora, se estamos falando de um grau insuficiente, é porque existe um referencial, uma quantidade equilibrada, a partir da qual se determina o que é insuficiente ou excessivo.

Assumimos, portanto, a postura de que as condições de produção determinam, igualmente e, por vezes, até mais, a ocorrência de certas formações. Em nosso caso, o registro científico, também determinou o predomínio de certos afixos, tendo em vista todas as transformações por que vem passando a terminologia científica, conforme dissemos na introdução.

Por isso, mais uma vez, foi importante nossa escolha da língua funcional (sintrástica, sintópica e sinfásica). Sob outra perspectiva, não haveria condições de explicar a ausência de certos valores semânticos, como a pejoratividade que

acompanha, por vezes, o prefixo *sub-* em formações como *subemprego*. Esse valor não poderia comparecer devido à natureza do registro científico, caracterizado pela neutralidade, pela objetividade.

Evidentemente, em momento algum, tivemos a vã pretensão de encontrar justificativas definitivas para o fato de um afixo predominar sobre outro, por não acreditarmos ser possível atingir, cientificamente, essa resposta. Estaríamos diante de uma aporia se tentássemos buscar um princípio absoluto e responder, por exemplo, a questões do tipo: por que a forma *hiper-* com sentido quantificador (ou intensivo) possui frequência mais elevada do que seu homófono com valor local? É preciso também reconhecer as limitações do *corpus* e não querer daí extrair a plenitude da língua. Não devemos, às vezes, superestimar a prevalência de um contexto se, potencialmente, a língua permite mais de um, a não ser que se delineie nitidamente uma deriva. Isto, naturalmente, não no domínio do sistema abstrato, mas num destaque dele, a língua funcional.

Um possível aspecto a ser investigado também seria se a diferença de público-alvo entre os dois *corpora* por nós utilizados teria influência em alguma das nossas variáveis: por exemplo, tipo de base, diferenças qualitativas num grupo ou subgrupo de prefixos? Não houve oportunidade para verificar essa diferença entre os dois *corpora*. De sorte que essa grande indagação permanece para trabalhos vindouros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, I. M. *Neologismo criação lexical*. São Paulo: Ática, 1994.

_____. Prefixos negativos no português falado. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do português falado: níveis de análise lingüística*. v. 2. Campinas: UNICAMP, 1993a. p. 99-109.

_____. Formações prefixais no português falado. In: CARVALHO, A. T. de (org.). *Gramática do português falado: as abordagens*. v. 3. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 1993b. p. 383-398.

BARBOSA, M. A. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. São Paulo: Global, 1981.

BASILIO, M. Operacionalização do conceito de raiz. *Cadernos da PUC/RJ, Estudos de Lingüística e Língua Portuguesa I*, Rio de Janeiro, ano I, n. 15, p. 89-94, 1974.

_____. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. *Teoria lexical*. Rio de Janeiro: Ática, 1987.

_____. Produtividade e função do processo de formação de palavras no Português falado. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA DA AMÉRICA LATINA. *Anais...*, 9, p. 1-9, 1990.

BAUER, L. *English word-formation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1999.

_____. *Ensino da gramática: opressão? liberdade?* São Paulo: Ática, 1985.

BESSA, J. R. F. *A composição nominal e a adjetival: problemas e métodos*. Tese (Doutorado). Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1986. mimeo.

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria lingüística*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Henry Holt and Company, 1933.

BRÉAL, M. *Ensaio de semântica*. Campinas: Pontes, 1990.

CALÇADA, G. F. *Derivação prefixal no português contemporâneo: Semi-, Sobre-, Sub-, Super- e Supra-*. (Texto manuscrito). s/d

CÂMARA JÚNIOR, J. M. *Princípios de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

- _____. *Para um estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
- _____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____. *Dicionário de lingüística e gramática*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- CARVALHO, J. G. H. de. *Teoria da linguagem*. v. 2. Coimbra: Atlântida, 1974.
- CHEVALIER, J-C. et al. *Grammaire du français contemporain*. Paris: Larousse, s/d.
- CHING, L. Sobre a formação de palavras com prefixos no português actual. In: SEPARATA DO BOLETIM DE FILOGIA XXII, 1973, p. 3-100.
- CHOMSKY, N. *Aspectos da teoria de sintaxe*. Coimbra: Armenio Amado, 1978.
- COSERIU, E. *Lições de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.
- CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- DANIEL, M. L. *João Guimarães Rosa: travessia literária*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- DUARTE, P. M. T. *A Formação de palavras por prefixo em português*. Fortaleza: EDUFC, 1999.
- _____. *Elementos para uma morfologia do português: em torno da noção de radical*. Fortaleza: EDUFC, 2001.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GALERY, I. V. *Os prefixos intensivos em Grande Sertão: veredas*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1969.
- HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- IORGU, I.; MANOLIU, M. *Manual de lingüística românica*. Madrid: Gredos, 1980.
- KRIEGER, M. G. Terminologia revisitada. *D.E.L.T.A.* v. 16, n. 2, p. 209-228, 2000.
- LIMA, R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
- MACAMBIRA, J. R. *Português estrutural*. São Paulo: Pioneira, 1978.
- MARTINET, A. *Elementos de lingüística geral*. Lisboa: Sá da Costa, 1973.
- MARTINS, N. S. *Introdução à estilística*. São Paulo: Edusp, 1989.

MATEUS, M. H. M. et al. *Fonética, fonologia e morfologia do português*. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

NIDA, E. A. *Morphology the descriptive analysis of words*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1949.

PEREIRA, R. F. *Neologismos na mensagem publicitária*. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Letras, História e Psicologia da UNESP. Campos de Assis, 1983.

POTTIER, B. *Linguística geral: teoria e descrição*. Rio de Janeiro: Presença, 1978.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe, 1982.

REY-DEBOVE, J. *Lexique et dictionnaire. Le langage*. Direção de Bernard Pottier. Paris: Retz, 1973.

ROCHA, L. C. de A. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: EUFMG, 1999.

ROMANELLI, R. C. *Prefixos latinos*. Belo Horizonte: Imprensa oficial, 1964.

SANDMANN, A. J. *A Formação de palavras no português contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor/Ícone, 1989.

_____. *Morfologia geral*. São Paulo: Contexto/EDUC, 1991.

_____. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto/EDUC, 1997.

SAUSSURE, F. de. *Curso de lingüística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1977.

SELKIRK, E. O. *The syntax of words*. Cambridge: The MIT Press, 1982.

VENDRYÈS, J. *Le langage*. Paris: Albin Michel, 1950.

VILELA, M. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.

WHORF, B. L. *Lenguaje, pensamiento y realidad*. Barcelona: Barral, 1971.